



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
CURSO DE JORNALISMO**

FRIEDDA ANTONIA LOPES DOS SANTOS

O OLHAR FEMININO E NEGRO NA COBERTURA ESPORTIVA:
Uma análise da participação das jornalistas negras no Globo Esporte

NATAL/RN
2024

FRIEDDA ANTONIA LOPES DOS SANTOS

O OLHAR FEMININO E NEGRO NA COBERTURA ESPORTIVA:
Uma análise da participação das jornalistas negras no Globo Esporte

Trabalho de Conclusão de Cursos apresentado ao Curso de Jornalismo, do Departamento de Comunicação Social (DECOM), da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), como requisito para a obtenção do título de bacharel em jornalismo.

Orientador: prof. Dr. Francisco das Chagas Sales Júnior.

NATAL/RN
2024

Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN
Sistema de Bibliotecas - SISBI
Catalogação de Publicação na Fonte. UFRN - Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas,
Letras e Artes – CCHLA

Santos, Friedda Antonia Lopes dos.

O olhar feminino e negro na cobertura esportiva:
uma análise da participação das jornalistas negras
no Globo Esporte / Friedda Antonia Lopes dos
Santos. - 2024.

66f.: il.

Trabalho de Conclusão de Curso - TCC (graduação)
- Universidade Federal do Rio Grande do Norte,
Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes,
Comunicação Social - Jornalismo, Natal, RN, 2024.

Orientação: Prof. Dr. Francisco das Chagas Sales
Júnior.

1. Jornalismo Esportivo. 2. Jornalistas Negras.

Elaborado por Ana Luísa Lincka de Sousa - CRB-15/748

FRIEDDA ANTONIA LOPES DOS SANTOS

O OLHAR FEMININO E NEGRO NA COBERTURA ESPORTIVA:
Uma análise da participação das jornalistas negras no Globo Esporte

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado e aprovado em 18 de junho de 2024, pela banca examinadora composta pelos seguintes membros:

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Francisco das Chagas Sales Júnior (Orientador)

Presidente – Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

Profa. Dra. Maria do Socorro Furtado Veloso

Examinadora interna – Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

Profa. Dra. Alice Oliveira de Andrade

Examinadora interna – Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

AGRADECIMENTOS

Como agradecer nunca é demais, fatalmente farei uma longa página de agradecimentos. Ainda bem, diriam alguns. Antes de tudo, a entrega deste trabalho não é só uma conclusão de uma fase da minha vida, mas também um prazer por estar contribuindo com a pesquisa dentro do jornalismo esportivo. É uma paixão que sempre tive, e a perspectiva de me afirmar no mercado de trabalho é ao mesmo tempo emocionante e desafiadora.

Seria difícil começar a escrever qualquer agradecimento sem remeter à família. Agradeço, primeiramente, à minha mãe e a minha avó, às pessoas mais especiais da minha vida, por sempre acreditarem em mim, estarem ao meu lado em cada fase da minha trajetória pessoal e acadêmica, fazendo o possível e o impossível para que eu conseguisse alcançar os meus sonhos, valorizando a minha educação e me permitindo ter acesso a tudo o que foi necessário para chegar até aqui.

Ao meu pai, por fornecer toda a estrutura para a minha formação, por colocá-la em primeiro lugar e por compartilhar comigo seu amor pelo esporte e pelo nosso time do coração. Ao meu irmão, por, desde criança, apoiar e incentivar minha paixão pelo esporte, além de estar sempre ao meu lado.

Aos amigos que fiz no decorrer da graduação. Seria injusto citar todos nominalmente, mas gostaria de fazer uma ressalva à Cleciane e Cecília. Vocês foram para além de companheiras de trabalhos na faculdade. E, em especial, ao meu querido amigo Tony Lucas, por trilhar esse caminho comigo, compartilhando dúvidas, aflições e sucessos.

Um espaço honroso ao meu orientador, Francisco Júnior, pela paciência ao longo de todo processo, pelas sugestões precisas que melhoraram significativamente este trabalho e, acima de tudo, pela confiança que sempre depositou em mim.

Às Professoras Maria do Socorro Furtado Veloso e Alice Oliveira de Andrade, por aceitarem participar dessa etapa, por meio da composição da banca examinadora, e serem uma inspiração para mulheres que desejam seguir a carreira acadêmica.

Enfim, um grande abraço a todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha vida nestes últimos anos.

RESUMO

Este trabalho teve como objetivo investigar a representatividade e contribuições das mulheres jornalistas negras na cobertura esportiva, focando nos programas regionais Globo Esporte São Paulo e Globo Esporte Pernambuco. Para isso, foi realizado um estudo de caso de seis edições dos programas, distribuídas igualmente entre os dois contextos regionais. O estudo contou com um referencial teórico que abrange questões de identidade, interseccionalidade e desigualdades estruturais, com base em Mattos (1990), Ribeiro (2007), Collins e Bilge (2020) e Gonzalez (2020). A pesquisa se justificou pela necessidade de ampliar o debate sobre diversidade, representatividade e inclusão na mídia esportiva brasileira, oferecendo uma visão aprofundada da realidade dessas profissionais. Foram observados aspectos como gênero, raça, frequência de aparições, o tempo de fala e os temas abordados. Como resultado, constatou-se que, apesar de avanços na presença de mulheres negras jornalistas esportivas, persistem desafios significativos relacionados à visibilidade e reconhecimento de suas contribuições. Este estudo visa não apenas informar, mas também inspirar mudanças positivas na cobertura esportiva brasileira.

Palavras-chave: Televisão; Telejornalismo esportivo; Globo Esporte; Jornalistas negras; Representatividade.

ABSTRACT

This work aimed to investigate the representation and contributions of black women journalists in sports coverage, focusing on the regional programs Globo Esporte São Paulo and Globo Esporte Pernambuco. To this end, a case study of six editions of the programs was carried out, equally distributed between the two regional contexts. The study relied on a theoretical framework that covers issues of identity, intersectionality and structural inequalities, based on Mattos (1990), Ribeiro (2007), Collins and Bilge (2020) and Gonzalez (2020). The research was justified by the need to expand the debate on diversity, representation and inclusion in Brazilian sports media, offering an in-depth view of the reality of these professionals. Aspects such as gender, race, frequency of appearances, speaking time and topics covered were observed. As a result, it was found that, despite advances in the presence of black women sports journalists, significant challenges persist related to the visibility and recognition of their contributions. This study aims to not only inform, but also inspire positive changes in Brazilian sports coverage.

Keywords: Television; Sports television journalism; Globe Sports; Black journalists; Representativeness.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 – Léo Batista apresentando a primeira edição do Globo Esporte	34
Imagem 2 – Globo Esporte com Felipe Andreoli	37
Imagem 3 – Amanda Barbosa no Globo Esporte SP	40
Imagem 4 – Ao vivo com Amanda Barbosa no Globo Esporte SP	40
Imagem 5 – Globo Esporte com Sabrina Rocha	43
Imagem 6 – Sarah Porto no Globo Esporte PE	43
Imagem 7 – Reportagem de Júlia Guimarães produzida no Rio de Janeiro	44
Imagem 8 – Lílian Fonseca no Globo Esporte PE	45
Imagem 9 – Diogo Marques no Globo Esporte PE	46
Imagem 10 – Thiago Ribeiro no Globo Esporte PE	46
Imagem 11 – Guilherme Pereira direto de Paris para o Globo Esporte PE	47

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Edições do Globo Esporte analisadas	31
Quadro 2 – Análise da Edição do Globo Esporte São Paulo - 15/04/2024	38
Quadro 3 – Análise da Edição do Globo Esporte São Paulo - 17/04/2024	39
Quadro 4 – Análise da Edição do Globo Esporte São Paulo - 19/04/2024	41
Quadro 5 – Análise da Edição do Globo Esporte Pernambuco - 16/04/2024	45
Quadro 6 – Análise da Edição do Globo Esporte Pernambuco - 17/04/2024	47
Quadro 7 – Análise da Edição do Globo Esporte Pernambuco - 18/04/2024	48

SUMÁRIO

1 – INTRODUÇÃO	9
2 – ORIGENS E FASES DA TELEVISÃO NO BRASIL	13
2.1 – A fase elitista	13
2.2 – A fase populista	14
2.3 – A fase do desenvolvimento tecnológico	15
2.4 – A fase da expansão internacional	16
2.5 – A fase da globalização e da TV paga	17
2.6 – A fase da Convergência e qualidade digital	18
2.6 – A fase da portabilidade, mobilidade e interatividade	19
3 – JORNALISMO ESPORTIVO X JORNALISTAS NEGRAS	21
3.1 – Jornalismo esportivo no Brasil	21
3.2 – Jornalismo esportivo na televisão	23
3.3 – A participação de jornalistas negras nas editorias de esporte	26
4 – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	30
4.1 – Metodologia de Análise	30
4.2 – O programa Globo Esporte	32
5 – A PRESENÇA DA MULHER NEGRA NO GLOBO ESPORTE	37
5.1 – Globo Esporte São Paulo - Edição do dia 15/04/2024	37
5.2 – Globo Esporte São Paulo - Edição do dia 17/04/2024	38
5.3 – Globo Esporte São Paulo - Edição do dia 19/04/2024	40
5.4 – Síntese da Participação de Amanda Barbosa	41
5.5 – Globo Esporte Pernambuco - Edição do dia 16/04/2024	42
5.6 – Globo Esporte Pernambuco - Edição do dia 17/04/2024	45
5.7 – Globo Esporte Pernambuco - Edição do dia 18/04/2024	48
5.8 – Síntese da visão geral do programa	49
CONSIDERAÇÕES FINAIS	51
REFERÊNCIAS	55
APÊNDICES	57

1. INTRODUÇÃO

No cenário esportivo brasileiro, a presença feminina tem ganhado cada vez mais destaque. O Painel Nacional de Televisão (PNT), ao publicar seu ranking das cinco emissoras mais assistidas em dezembro de 2021, revelou que Rede Globo, Record TV, SBT, Band e TV Brasil - RNCP ocupam os principais lugares. Nesses canais, vemos a presença de jornalistas do sexo feminino em programas esportivos, ainda que em graus variados.

Em 2019, uma pesquisa conduzida pelo PNAD (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio Contínua) apontou que a maioria da população brasileira é composta por mulheres, e, notavelmente, a mulher negra representa uma parte significativa desse contingente. Entretanto, esse contexto demográfico não se traduz de maneira proporcional na presença de profissionais negros, particularmente mulheres negras, em posições de destaque ou visibilidade em diversas instituições.

Dado que as mulheres negras constituem 25% da população brasileira e que pretos e pardos já representam 50% dos alunos matriculados no ensino superior, conforme relatórios do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), torna-se evidente que a predominância branca na televisão não reflete fielmente a diversidade demográfica do país.

Com base nesta observação, este estudo tinha como propósito central a análise da presença e do impacto do olhar feminino e negro na cobertura esportiva do Brasil. A pesquisa se origina de um desejo genuíno de compreender a influência da interseção de gênero e raça no jornalismo esportivo, bem como de identificar as lacunas e desafios que as jornalistas negras enfrentam nesse contexto.

A importância desse enfoque reside na consciência de que a cobertura esportiva desempenha um papel significativo na construção de narrativas culturais e sociais. No entanto, até o momento, o olhar feminino e negro nesse campo específico tem sido sub-representado e muitas vezes negligenciado.

A pesquisa buscou explorar de que forma a diversidade étnica e de gênero pode enriquecer a cobertura esportiva, ampliando a gama de perspectivas e histórias contadas. Além disso, tem como objetivo analisar os desafios enfrentados pelas jornalistas negras no acesso a oportunidades e reconhecimento nesse setor e, ao mesmo tempo, destacar os avanços e conquistas alcançados por essas profissionais.

Para ilustrar as informações e dados coletados através da metodologia de pesquisa, foi selecionado o programa "Globo Esporte" como objeto de estudo central. Criado em 1978, o

Globo Esporte tem desempenhado um papel fundamental como o principal programa diário de notícias esportivas na TV Globo. Com transmissões seis vezes por semana, ele se mantém como um pilar diário do jornalismo esportivo na principal rede de televisão do país. Durante seus 46 anos de existência, o programa passou por várias transformações, ajustes editoriais e diferentes abordagens de produção.

Em algumas ocasiões, as edições do Globo Esporte eram centralizadas no Rio de Janeiro, mas em 2011, houve uma descentralização da produção para 12 diferentes regiões. Isso ocorreu porque a abordagem única do programa mostrou-se insuficiente para estabelecer conexões significativas com o público. A decisão foi, então, dar espaço aos sotaques regionais, reconhecendo as demandas e prioridades específicas de cada área. Isso permitiu que o público se sentisse mais representado e identificado com o conteúdo exibido, incentivando assim o acompanhamento do programa e a sua aceitação como fonte de informações esportivas em suas vidas.

Diante dessa descentralização, o objetivo geral deste estudo foi identificar e avaliar a participação de jornalistas negras nas edições do Globo Esporte em duas regiões distintas do Brasil: São Paulo e Pernambuco. Com o uso da análise de conteúdo quali-quantitativa, temos como meta examinar não apenas a frequência, mas também o contexto e a natureza dessa participação, a fim de obter uma compreensão profunda das representações no programa. Essa abordagem nos possibilita analisar de forma abrangente como as jornalistas negras são retratadas e reconhecidas neste contexto específico do jornalismo esportivo televisivo.

Este recorte específico das edições do programa se justifica pela sua ampla audiência e influência na cultura esportiva brasileira. Como um dos principais programas esportivos do país, o Globo Esporte representa uma plataforma significativa para analisar não apenas a cobertura esportiva em si, mas também as dinâmicas de representação e inclusão dentro desse contexto midiático.

Além disso, a escolha das edições veiculadas entre os dias 15 e 19 de abril de 2024 não foi arbitrária. Esse período de análise oferece uma amostragem recente e relevante, permitindo uma visão contemporânea das práticas jornalísticas e da presença de jornalistas negras na cobertura esportiva.

Ao concentrar-se nas edições desses dois estados distintos, São Paulo e Pernambuco, também se busca capturar nuances regionais que podem influenciar as dinâmicas de representatividade e inclusão. Essa abordagem regionalizada permite uma compreensão mais

abrangente das diferentes realidades enfrentadas pelas jornalistas negras em diferentes contextos geográficos e culturais.

Portanto, a escolha do programa Globo Esporte e do período de análise, bem como o enfoque nos estados de São Paulo e Pernambuco, são fundamentais para a realização de uma análise aprofundada sobre o olhar feminino e negro na cobertura esportiva brasileira, fornecendo insights valiosos para a promoção da diversidade e representatividade nesse campo midiático.

Para garantir uma análise robusta e abrangente, este estudo também se beneficiará de uma revisão da literatura especializada sobre representatividade de gênero e raça na mídia esportiva. Esta revisão teórica nos permitirá situar nossa análise dentro do contexto mais amplo das discussões acadêmicas e práticas sobre diversidade e inclusão no jornalismo esportivo, enriquecendo assim nossa compreensão das questões em jogo.

A justificativa em analisar o programa, vai além da relevância jornalística, trata-se também de uma questão pessoal que está enraizada na minha própria vivência como mulher negra e na minha paixão pelo esporte, o que provocou uma instigação ainda maior para me debruçar sobre o assunto.

Começamos nosso estudo estabelecendo uma base teórica importante para as etapas seguintes. Assim, no segundo capítulo intitulado "Origem e fases da televisão no Brasil", apresentamos uma perspectiva ampla do histórico da televisão no país. Neste contexto, abordamos as sete fases da televisão brasileira desde sua implantação, explorando suas transformações ao longo do tempo e seu papel na formação da cultura e da identidade nacional. Esta análise nos fornecerá um contexto essencial para compreendermos o desenvolvimento da cobertura esportiva ao longo das últimas décadas, especialmente no que diz respeito à representatividade de gênero e raça.

No terceiro capítulo, "Jornalismo esportivo X jornalistas negras", nossa pesquisa começará explorando a história do jornalismo esportivo no Brasil. Retrocederemos ao período inicial do século XX, quando as primeiras iniciativas de cobertura esportiva começaram a surgir nos meios de comunicação do país. Investigaremos como o jornalismo esportivo se

desenvolveu ao longo do tempo, desde os primeiros periódicos especializados até a consolidação das seções esportivas dos principais veículos de comunicação.

Neste contexto histórico, examinaremos as características distintivas do jornalismo esportivo brasileiro, os principais eventos que impulsionaram seu crescimento e as figuras proeminentes que moldaram sua trajetória. Além disso, analisaremos o papel do jornalismo

esportivo na construção da cultura esportiva nacional e sua influência na formação de identidades regionais e nacionais.

Em seguida, nos aprofundaremos na história da participação de mulheres na profissão jornalística, com destaque para as jornalistas negras. Começamos traçando um panorama das primeiras mulheres a ingressarem no campo jornalístico no Brasil, destacando suas conquistas e os desafios enfrentados em um ambiente predominantemente masculino.

Daremos especial atenção às jornalistas negras pioneiras, como Maria Helena Rangel e Vera Daisy Barcellos, que abriram caminho para a presença de mulheres negras no jornalismo esportivo. Analisaremos o impacto dessas mulheres e de outras figuras importantes na inclusão progressiva de mulheres nas editorias esportivas das redações jornalísticas.

Por meio dessas análises históricas, buscaremos compreender o contexto em que as jornalistas negras emergiram e as barreiras que enfrentaram para se estabelecerem no jornalismo esportivo brasileiro. Essa contextualização histórica será fundamental para entendermos o cenário atual e as possíveis soluções para promover uma cobertura esportiva mais inclusiva e representativa.

Em seguida, no quarto capítulo “Metodologia e objetos de análise”, adentramos na fase de abordagem detalhada do objeto central desta dissertação, o programa Globo Esporte. Apresentaremos os métodos utilizados neste trabalho, a história e informações importantes sobre o programa. No capítulo 6, “Análise dos programas”, nosso foco se volta para uma análise minuciosa do GE, especificamente das edições de São Paulo e Pernambuco. Essas edições compreendem dez episódios, todos exibidos na mesma semana. Nossa abordagem de pesquisa se baseia na metodologia da análise de conteúdo quali-quantitativa, cuidadosamente estruturada para alcançar nosso objetivo principal.

2. ORIGEM E FASES DA TELEVISÃO NO BRASIL

Desde sua implantação no Brasil, há mais de seis décadas, em 1950, a televisão tornou-se um elemento central na vida cultural e social do país. Ao longo dos anos, este meio de comunicação passou por uma série de transformações tecnológicas, culturais e econômicas que moldaram sua evolução e impacto na sociedade brasileira. Essas mudanças podem ser compreendidas através de sete fases distintas, cada uma marcada por inovações e desafios específicos que refletem o dinamismo e a adaptabilidade da televisão ao contexto nacional e global. A seguir, será apresentada uma descrição detalhada dessas fases, ilustrando como cada período contribuiu para a consolidação da televisão como um dos principais veículos de informação, entretenimento e formação de opinião no Brasil.

2.1 A fase elitista

O início da televisão no Brasil foi caracterizado por precariedade, improvisação e grande expectativa. Em 18 de setembro de 1950, a TV Tupi Difusora de São Paulo, fundada pelo jornalista Assis Chateaubriand, inaugurou oficialmente o meio no país. Durante a aguardada transmissão inaugural, a elite da sociedade reunia-se em clima festivo para acompanhar o evento no Diário dos Associados (Barbosa, 2010).

De acordo com Barbosa (2010), a expectativa era palpável, com homens e mulheres bem vestidos observando em silêncio a transmissão ao vivo, embora a escassez de receptores fosse notável. Para suprir essa demanda, Assis Chateaubriand tomou medidas emergenciais, distribuindo ilegalmente duzentos receptores pelas ruas de São Paulo.

Esse foi apenas o primeiro de muitos desafios enfrentados durante uma década de consolidação do meio, onde a televisão se estruturava, embora ainda fortemente influenciada pelo rádio, tanto na produção quanto no conteúdo (Marcondes Filho, 1994). Na cerimônia de inauguração, Chateaubriand reconheceu a alta demanda financeira e afirmou que a manutenção do meio seria sustentada por meio de anúncios publicitários, agradecendo àqueles que contribuíram para tornar realidade o sonho da televisão brasileira (Barbosa, 2010).

A televisão inicialmente atingiu principalmente as camadas mais abastadas da sociedade, marcando uma transição da era do rádio para a era da televisão. No entanto, a maioria da população ficou à margem dessa nova tecnologia devido ao alto custo dos receptores. Mesmo

com a produção local pela marca Invictus, os aparelhos permaneceram inacessíveis para a grande parcela da sociedade, sendo três vezes mais caros que uma radiola (Barbosa, 2010).

A partir de 1955, o cenário começou a se transformar com o surgimento de novas emissoras, como Itacolomi, Piratini e Cultura, indicando uma mudança de rumo para a televisão brasileira. Com o estabelecimento de 21 novas emissoras em apenas seis anos, o meio ganhou estrutura para se expandir e se popularizar no país, marcando o fim da fase elitista e o início de uma fase populista (Barbosa, 2010).

2.2 A fase populista

A transição da fase elitista para a populista na televisão brasileira é influenciada pelo contexto político do país. Com o Golpe Militar de 1964, o governo estabeleceu metas claras visando ao desenvolvimento nacional, como a industrialização, a importação de tecnologia e o plano de abrangência nacional (Mattos, 1990).

Essas medidas favoreceram o desenvolvimento do meio televisivo, tornando-o mais acessível à população. No entanto, conforme observado por Mattos (1990), essa política também tinha motivações políticas, visando ao controle governamental sobre as emissoras. A criação de órgãos regulamentadores, como o Ministério das Comunicações em 1967, e leis específicas para o meio, como o AI-5, possibilitaram o controle estatal sobre o conteúdo veiculado pelas emissoras, uma prática que persistiu até o final do regime militar, que durou 21 anos.

A fase populista não se limitou apenas às intervenções governamentais, mas também foi marcada pelo amadurecimento do meio no país. Com maior alcance nacional e uma abordagem empresarial, a televisão brasileira se consolidou (Marcondes Filho, 1994).

De acordo com Marcondes Filho (1994), a descentralização das emissoras, tanto na produção quanto na distribuição, promovida pelo Regime Militar, aliada aos planos de desenvolvimento do meio, resultou em um aumento significativo na audiência. A televisão deixou de ser apenas um entretenimento noturno para se tornar um instrumento de união familiar, como retratado por Bergamo (2010):

A televisão foi gradativamente perdendo a característica de “lazer noturno familiar” para, ao estender cada vez mais sua programação para o horário vespertino e matutino, firmar-se como instrumento de “lazer” e “informação” para todos seus membros, para isso ajustando-se, cada vez mais, à rotina de horários de uma casa. A pioneira, nesse caso, foi a *TV Excelsior*, do Rio de Janeiro, que, em 1963, passou a combinar uma grade vertical (diferentes

programas em um mesmo dia) com uma horizontal (um mesmo programa exibido todos os dias no mesmo horário) (Bergamo, 2010, p. 64).

Assim, as telenovelas, que foram marcantes na década anterior, dividem espaço agora com novas atrações. Programas de auditório, humorísticos e de calouros ganham destaque, proporcionando uma diversificação na programação televisiva. Além disso, houve a primeira interação com o público, através de prêmios oferecidos aos telespectadores, criando assim uma relação mais próxima entre a emissora e sua audiência (Marcondes Filho, 1994).

É importante ressaltar que durante essa fase, em 1965, a TV Globo foi estabelecida como uma nova força no cenário televisivo nacional (Ribeiro & Sacramento, 2010).

Essas mudanças refletiram não apenas uma evolução na programação televisiva, mas também uma adaptação às demandas e interesses do público brasileiro, consolidando a televisão como um importante meio de comunicação e entretenimento no país.

2.3 A fase do desenvolvimento tecnológico

O crescimento da televisão, que teve início no final da década de 50, continuou a expandir-se rapidamente. Em 1974, o meio televisivo já alcançava 43% dos domicílios, evidenciando sua crescente audiência. Diante desse cenário, os anunciantes concentraram 60% de seus investimentos nesse meio (Mattos, 1990).

Essa audiência em ascensão despertou preocupações quanto à qualidade da programação veiculada e à influência política do meio, embora o fenômeno do alienamento ainda predominasse. Conforme observado por Marcondes Filho (1994), a evolução do meio televisivo resultou em uma representação cada vez mais construída pela mídia.

No contexto político, em meio ao Regime Militar e às crescentes manifestações e pressões populares, o Governo foi compelido a adotar medidas mais favoráveis à população, embora mantivesse o controle sobre o meio. O AI-5, que impunha censura prévia, foi revogado no final dos anos 70, abolindo assim a necessidade de autorização prévia para as emissoras, embora fiscalizações e possíveis sanções ainda permanecessem (Mattos, 1990).

A população, ávida por mudanças, testemunhou uma melhoria na qualidade técnica da televisão. Nesse aspecto, a TV Globo desempenhou um papel fundamental com seu "padrão Globo de qualidade", como destacado por Ribeiro e Sacramento (2010, p. 119), introduzindo beleza estética e excelência técnica nas transmissões. A emissora tornou-se uma referência, especialmente com a introdução das transmissões em cores e o uso mais extensivo do

videoteipe, permitindo gravação e edição posterior através do Editec, um programa de edição sofisticado para a época, minimizando erros e improvisações.

Essas iniciativas, exploradas pela TV Globo, refletem as características predominantes ao longo dessa fase, que abrangeu o período de 1975 a 1985. Além da preocupação estética em produzir programas agradáveis, os governantes também buscaram substituir o formato americano de programação para promover a produção nacional. Associada a isso, houve um aumento na concessão de radiodifusão a empresas nacionais, visando manter a ordem e atender às demandas da população por diversidade e pluralidade na programação, evitando assim a formação de um monopólio. Essas medidas visavam a garantir respaldo e estabilidade política, além de proporcionar espaços na programação para a disseminação de ideias oficiais (Mattos, 1990).

No entanto, tais esforços não foram suficientes, e diante dos contínuos movimentos em prol de eleições diretas, o Regime Militar cedeu lugar à democracia, marcando assim o início da quarta fase da televisão no Brasil (Mattos, 1990).

2.4 A fase da expansão internacional

O novo contexto político, embora tenha utilizado alguns espaços para promover suas ideologias, proporcionou avanços significativos para as mídias no país, conforme observado por Mattos (1990). A Constituição de 1988 marcou uma mudança crucial ao proibir qualquer forma de censura ideológica e garantir a livre circulação de informações. Além disso, as 90 concessões concedidas anos antes do estabelecimento da democracia efetiva abriram caminho para novos formatos de programas jornalísticos e de entretenimento.

Conforme destacado por Roxo (2010), os concorrentes, desafiando o padrão estabelecido pela TV Globo, caracterizado pelo uso de imagens sofisticadas aliadas ao poder jornalístico, reformularam suas estratégias na tentativa de conquistar novos telespectadores. A TV Tupi, por exemplo, apostou no programa "Aqui e Agora", como explicado pelo crítico Távola:

É uma tentativa de fazer voltar a emoção da TV ao vivo, quente, atual, cheia de tensão, erro ou acerto, mas corporificando uma comunicação impossível na frieza do videoteipe. Tenta assim, "Aqui e Agora", realizar uma comunicação comunitária levando problemas da cidade do Rio de Janeiro, reclamações, casos e dificuldades numa proporção única, maior que qualquer outro programa de TV. (TÁVOLA apud ROXO, 2010, p 181).

Já o SBT, criado em 1981, busca conquistar espaço no campo do entretenimento. Sob a liderança de Sílvio Santos, proprietário do canal, ciente da defasagem estrutural em relação à concorrente, a emissora aposta em programas de auditório. Com custos operacionais mais baixos e uma abordagem mais próxima do público, seja no estúdio ou através das telas, o SBT consegue competir com a Rede Globo, tornando-se popular e compartilhando índices de audiência (Mira, 2010).

Outra medida importante é destacada pelo artigo 221 da Constituição. Conforme observado por Mattos (2010), esse artigo obriga os canais a produzirem conteúdos que atendam às necessidades educativas e informativas da sociedade. Isso impulsiona a produção local que visa alcançar a maior parcela da população. Dessa forma, a preocupação em abordar questões culturais e educativas deu origem a um novo cenário que caracterizaria a quinta fase da televisão.

2.5 A fase da globalização e da TV paga

No final dos anos 80, uma preocupação emergiu em relação à segmentação do amplo público que tinha acesso ao meio televisivo, como observado por Marcondes Filho (1994).

[...] as novas tecnologias estão conduzindo a uma segmentação acelerada dos públicos, de tal forma que se está pulverizando a grande audiência em pequenos grupos e núcleos, que mais ou menos antecipam a sociedade do futuro como uma sociedade que promove um fenômeno de "refeudalização" geral... (Marcondes Filho, 1994, p. 36).

Toda a reconstrução por parte das emissoras, que teve início com a segmentação dos programas e posterior exportação, enfrentou dois desafios significativos.

As dificuldades econômicas, que surgiram na década de 80, persistiram até meados dos anos 90, quando o Plano Real foi implementado com sucesso após o fracasso de planos anteriores. No entanto, mesmo com a estabilização econômica proporcionada pelo Plano Real, novas incertezas surgiram, como retratado por Brittos e Simões (2010):

O efeito da estabilização da moeda, atuando em amplas frentes, gerou uma onda de otimismo na economia nacional. Com o aquecimento do mercado, ampliaram-se os interessados na exposição de suas marcas na comunicação de massa e também no nicho segmentado (...). Mas, retomando à realidade de 1998, verificou-se que o otimismo do Plano Real, sentido até 1997, deu lugar a uma sequência de preocupações. A queda vertiginosa da demanda em um curto espaço de tempo estagnou parte do mercado, que até pouco tempo antes ampliava seus investimentos e projetava crescimentos. (Brittos; Simões, 2010, p. 222-223).

Segundo Mattos (2010), com a grande queda de injeção monetária por parte de anunciantes, que refletiu em altas dívidas por parte das empresas, o desafio se tornaria ainda maior devido à nova opção em rede fechada.

Ainda de acordo com o autor, em 6 de janeiro de 1995, com a chegada da TV a cabo, um choque de realidades se desenhava. Por um lado, com uma programação direcionada a cada grupo, a população poderia ter maior qualidade fora da TV convencional, mas as dificuldades seriam ainda maiores para quem operasse na rede aberta.

Assim, na tentativa de se manterem ativas e com o maior número de audiência possível de membros das classes mais populares - que não tinham acesso a nova ferramenta - as emissoras acabaram apelando em suas programações. Programas que exploravam conteúdos eróticos e sensacionalistas ganharam espaço e causaram preocupação nos órgãos regulamentadores, que, além de obrigar os canais a informar a que público se destinava cada programa, trataram de coibir, por meio de um comitê, os casos mais alarmantes. (Mattos, 2010).

Apesar da chegada de capital e tecnologia estrangeira ao longo dos últimos anos, somente em 1999 ocorreu a tão esperada disseminação global. Com a chegada da Globo Internacional, a emissora agora deixaria de apenas vender seus programas, para propagá-los, dentro da própria emissora que passa a atender os brasileiros que deixaram o país. (Mattos, 2010).

2.6 A fase da convergência e qualidade digital

Com o avanço tecnológico, observa-se um contínuo desenvolvimento dos meios de comunicação. Mattos (2010) destaca as mudanças na estrutura dos televisores, que proporcionam maior comodidade ao público, enquanto Fachine e Figueirôa (2010) explanam o início da integração com a Internet e a transição para o formato digital “em grandes emissoras, a aquisição de câmeras e tias digitais começa ainda em meados dos anos 1990, assim como a edição automática da programação e disponibilização em tempo real dos primeiros programas na internet” (Fachine; Figueirôa, 2010, p. 282).

Segundo o próprio autor, um exemplo claro dessa integração entre televisão e Internet é a criação de sites das emissoras de TV, como o da Globo e da Record, que agora permitem aos internautas acesso aos conteúdos na rede.

A Internet não apenas facilita a criação, armazenamento e disseminação de conteúdo, mas também proporciona melhorias técnicas no tratamento de imagem e som, aprimorando assim a qualidade dos programas (Mattos, 2010). Como resultado, em 1999, a Globo, munida

dessas inovações, foi pioneira na transmissão de programas em alta definição (Fechine & Figueira, 2010).

Para Mattos (2010), outra inovação que ganha destaque e importância neste período é a chegada dos celulares. Esses dispositivos, que teoricamente permitem às pessoas acesso à Rede Aberta de Televisão de qualquer lugar, estreitam ainda mais a relação entre público e mídia. Essa peculiaridade marca o início da sétima e atual fase da televisão no Brasil.

Essas transformações tecnológicas e mudanças nos hábitos de consumo de mídia têm implicações significativas na maneira como a televisão é produzida, distribuída e consumida no país, moldando assim a paisagem midiática brasileira.

2.7 A fase da portabilidade, mobilidade e interatividade

A televisão vive hoje sua fase de maior transformação visual e funcional, um dos fatores preponderantes para essas mudanças foi a chegada do celular em 2007. De acordo com Mattos (2010), “[...] usando o celular, o usuário pode assumir o papel de receptor, transmissor e fonte de informações, rompendo assim alguns paradigmas da comunicação”.

Esses novos contornos, nunca antes vistos, ganham ainda mais força com o surgimento das redes sociais. Essa ferramenta, de alcance significativo, ao incluir contas de emissoras e apresentadores, reforça o novo cenário visto nos dias atuais (Fechine e Figueirôa, 2010). Essa visão é compartilhada por Recuero (2009).

O segundo fator relevante é a influência das possibilidades de comunicação das ferramentas utilizadas pelos atores. Há multiplicidade de ferramentas que suportam essa interação e o fato de permitirem que a interação permaneça mesmo depois do ator estar desconectado do ciberespaço (Recuero, 2009, p. 31).

Considerando esses aspectos, é perceptível uma transformação nos formatos de conteúdo das mídias. Atualmente, há uma crescente atenção para as extensões geradas pelo novo receptor, e as emissoras reconhecem a importância da participação do telespectador, investindo em estratégias de interação. Quase toda a programação televisiva atual proporciona oportunidades de interação com o público, demonstrando a conscientização das emissoras sobre essa necessidade (Fechine & Figueirôa, 2010).

Essa interação é potencializada pelas tecnologias digitais, que promoveram a convergência entre as mídias. O público, ao interagir por meio dos dispositivos digitais, tem sua presença na televisão estimulada pela internet. Dessa forma, a interatividade se manifesta

como uma quase interação face a face, uma comunicação real mediada pelas plataformas digitais (Recuero, 2009). Nesse contexto, a relação face a face ocorre dentro de uma copresença, onde os participantes compartilham o mesmo espaço e tempo simbólico (Thompson, 1995).

O espaço do telespectador é considerado um "dispositivo de enunciação", onde ocorre o contrato de escuta entre o meio e o público. Comunicar nas mídias contemporâneas implica manter um vínculo contratual ao longo do tempo (Mattos, 2010). Esse diálogo entre emissoras e audiência não apenas reflete uma mudança na dinâmica da televisão, mas também redefine a natureza da própria comunicação midiática.

3 – JORNALISMO ESPORTIVO X JORNALISTAS NEGRAS

Neste capítulo exploraremos a relação entre o jornalismo esportivo no Brasil e a participação de jornalistas negras nesse campo. Abordaremos o desenvolvimento histórico do jornalismo esportivo, a transformação causada pela televisão e os desafios enfrentados por jornalistas negras, destacando pioneiras como Vera Daisy Barcellos. A análise incluirá a teoria da interseccionalidade para contextualizar as barreiras de preconceito racial e de gênero, além de discutir a dinâmica do tokenismo e suas implicações na inclusão substancial dessas profissionais.

3.1 Jornalismo esportivo no Brasil

O surgimento do jornalismo esportivo no Brasil remonta ao século XIX, conforme evidenciado por registros históricos. O primeiro jornal esportivo noticiado no país foi O Atleta, em 1856, conforme citado por Bahia (1990, p. 21). Com sede no Rio de Janeiro, o periódico abordava temáticas relacionadas à prática de exercícios e preparação física, direcionando-se ao público local.

Em São Paulo, também surgiram publicações voltadas para o campo esportivo. Em 1886, circulava o Sport, cujo foco estava nas atividades físicas, juntamente com o Sportman. Interessantemente, a grafia dos semanários era em língua inglesa, modificada posteriormente no século seguinte às suas edições.

O ano de 1891 marcou o aparecimento do suplemento A Platea Esportiva, vinculado ao jornal A Platea, fundado em 1888, em São Paulo. Uma década depois, em 1898, também na mesma cidade, surgiram a revista O Sport e o jornal Gazeta Sportiva (Ribeiro, 2007, p. 26).

Em 1894, quando Charles Miller, responsável por introduzir o futebol no Brasil, desembarcou no país, as notícias sobre esportes como críquete, turfe, ciclismo e remo predominavam nas páginas dos principais jornais da capital paulista (Ribeiro, 2007, p. 19). Dentre esses esportes, o remo era o mais popular na época.

Portanto, o ano de 1894 assume um significado particular, sendo um marco importante a ser considerado. A ascensão do jornalismo esportivo acompanhou a popularização do futebol no Brasil. Conforme apontado por Bahia (1990, p. 21), o futebol introduziu um componente emocional que logo se tornaria a maior paixão popular do país.

Poucos anos após [1898] surgem as primeiras publicações voltadas exclusivamente para o turfe. Mas os grandes jornais só abrem suas páginas às fotos de quatro e cinco colunas com lances de futebol em 1922. (...) O futebol ingressa no espaço nobre da imprensa depois do carnaval e do jogo do bicho (Bahia, 1990, p. 21).

No entanto, antes de alcançar o "espaço nobre da imprensa", foi necessário percorrer um longo caminho. Ribeiro (2007, p. 27) destaca os principais jornais da época: O Estado de S. Paulo, Correio Paulistano e A Platea em São Paulo; no Rio de Janeiro, Jornal do Commercio, O Paiz, Gazeta de Notícias, Jornal do Brasil e Correio da Manhã. Entretanto, o futebol tinha pouquíssimo destaque nesses veículos. Além disso, havia publicações como a Semana Sportiva, no Rio de Janeiro, e A Vida Sportiva, em São Paulo, que sucedeu o Sportsman (Ribeiro, 2007, p. 27).

Nesse percurso, o preconceito foi um obstáculo a ser enfrentado. Ao lado do desenvolvimento do jornalismo esportivo, o próprio esporte como notícia também teve que conquistar seu espaço. Em estudos históricos sobre o futebol e a imprensa esportiva que acompanharam essa trajetória, a famosa frase de Graciliano Ramos, autor renomado que escreveu o clássico da literatura nacional *Vidas Secas*, é frequentemente evocada. No início do século XX, o escritor alagoano, também jornalista, afirmou: "Temos esporte em quantidade. Para que nos intrometermos em coisas estrangeiras? Futebol não tem apelo, tenho certeza; estrangeirismos não são facilmente absorvidos na terra do espinho". Duvidava-se que qualquer evento esportivo um dia fosse digno de ocupar a primeira página de um jornal, mesmo que fosse sobre o esporte mais popular da época, o remo.

Como poderia uma vitória nas raias – ou nos campos, nos ginásios, nas quadras – valer mais do que uma decisão sobre a vida política do país? (...) Duvidar foi o esporte preferido até mesmo de gente experiente, que vivia de escrever para os cadernos especializados (Coelho, 2011, p.8).

Ribeiro (2007, p. 25) relata que no contexto de São Paulo por volta de 1901, apresentar reportagens sobre futebol era uma tarefa árdua, considerando o período de amplo crescimento e modernização após a implantação da República. No entanto, o autor destaca que ignorar o desenvolvimento do futebol nas áreas suburbanas parecia ser um erro significativo por parte dos responsáveis pelos principais jornais da época.

Coelho (2011, p. 8) destaca que, na década de 1910 em São Paulo, o jornal *Fanfulla* incluía sessões de divulgação esportiva. Esse periódico não era direcionado para as elites nem exercia influência editorial, mas sua relevância residia no fato de alcançar um público crescente na capital paulista da época, principalmente os italianos. Foi no *Fanfulla* que se anunciou a

fundação do clube de futebol que eventualmente se tornaria o Palmeiras durante a Segunda Guerra Mundial, registrando assim a história e preservando a memória dos primeiros anos dos grandes clubes de futebol. Coelho também observa que o jornal dedicava páginas inteiras ao esporte em uma época em que o futebol ainda não tinha conquistado grandes multidões.

Desse modo, a documentação era uma tendência, como Coelho (2011, p. 9) confirma ao mencionar que os primeiros lances do basquete e do vôlei no Brasil foram registrados pela imprensa, apesar das tentativas de limitar o espaço disponível para conteúdos esportivos. Além disso, em 1931, surgiu o que pode ser considerado o primeiro jornal diário exclusivamente dedicado ao esporte, o *Jornal dos Sports*. Embora a *Gazeta Esportiva* tenha aparecido em 1928, inicialmente como um suplemento do jornal *A Gazeta*, sua transformação em um periódico esportivo diário ocorreu em 1947.

Durante todo o século passado, dirigir redação esportiva requeria dizer tourear a realidade. Lutar contra o preconceito de que só os de menor poder aquisitivo poderiam tornar-se leitores desse tipo de diário. O preconceito não era infundado, o que tornava a luta ainda mais inglória. De fato, menor poder aquisitivo significava também menor poder cultural e, conseqüentemente, ler não constava de nenhuma lista de prioridades. E se o futebol – como os demais esportes – dela fizesse parte, seria necessário ao apaixonado ir ao estádio, isto é, ter menos dinheiro para comprar boas publicações sobre o assunto (Coelho, 2011, p. 9)

Por algum tempo, jornais e revistas especializados em esportes enfrentaram dificuldades e encerraram suas atividades. Somente no final da década de 1960 é que os grandes cadernos esportivos passaram a dominar as páginas dos jornais (Coelho, 2011, p. 10). No entanto, antes desse período, outra mídia desempenhava um papel fundamental na cobertura esportiva: o rádio.

Não apenas os jornalistas interessados na área viram no rádio uma oportunidade, mas também jogadores e dirigentes. Entre 1935 e 1940, o rádio era uma via de comunicação de mão dupla: seu crescimento no Brasil era incessante, e o esporte desempenhava um papel crucial nessa expansão. O futebol, em particular, associado ao sucesso do rádio, começava a proporcionar um futuro político aos seus proprietários (Ribeiro, 2007, p. 90).

3.1 Jornalismo esportivo na televisão

Ao contrário do processo de consolidação enfrentado em suas origens na imprensa escrita, o jornalismo esportivo manteve-se, desde as primeiras transmissões, entre os gêneros de maior faturamento publicitário no rádio, especialmente para as emissoras com tradição na

cobertura do futebol. Dessa forma, quando a televisão assumiu seu lugar de destaque, esse segmento jornalístico também garantiu sua presença.

As primeiras transmissões esportivas televisivas ocorreram na Europa durante a década de 1930. Nos Estados Unidos, o beisebol começou a ser transmitido por volta de 1935. Dois anos depois, a primeira cobertura de Wimbledon na Inglaterra; e os Jogos Olímpicos de Berlim, em 1936, na Alemanha; enquanto na França, a transmissão da Copa do Mundo de Futebol de 1948 foi ao ar na televisão.

No Brasil, as telinhas entraram em cena na década de 1950. Segundo Ribeiro (2007, p. 135), em 18 de setembro de 1950, foi ao ar a TV Tupi. O proprietário, Assis Chateaubriand, já era um dos principais empresários de comunicação do país e comandava um vasto império midiático. O investimento inicial na televisão foi de 5 milhões de dólares para a compra de trinta toneladas de equipamentos. Desde o primeiro dia, o esporte teve um espaço privilegiado. Aurélio Campos, ex-locutor e diretor de esportes da rádio Tupi, foi responsável pela apresentação do programa Vídeo Esportivo ao lado de Baltazar, ex-jogador do Corinthians.

As primeiras filmagens esportivas no Brasil são creditadas a Alfonso Zibas, que, sem aviso prévio ao árbitro, foi ao estádio do Pacaembu, em São Paulo, para registrar lances da partida entre São Paulo e Portuguesa. Conforme Ribeiro (2007, p. 135), ao ser descoberto pelo juiz, Zibas foi expulso do campo. Um mês depois, em outubro de 1950, ocorreu a primeira transmissão de um evento esportivo pela televisão brasileira, novamente no Pacaembu, desta vez com o jogo entre Palmeiras e São Paulo.

A popularização da televisão no Brasil contribuiu para a hegemonia do futebol no país (Rodrigues, 2014, p. 16). Entre os fatores que impulsionaram essa tendência estão o tempo e a autonomia conferidos ao público. Enquanto nos meios impressos o público esperava o jornal chegar às bancas ou em casa, no caso dos assinantes, para obter os resultados e análises, no rádio, apesar da instantaneidade, os ouvintes precisavam imaginar o que acontecia nos campos e quadras. O que a televisão proporcionou foi a oportunidade de ver o que ocorria em tempo real, compreender melhor a dinâmica do esporte e formar suas próprias opiniões sobre os lances e desempenhos, com comentários visuais.

A segunda emissora de televisão nasceu em São Paulo, a TV Paulista, em 1952. Ribeiro (2007, p. 142) destaca que, apesar dos investimentos milionários, a infraestrutura ainda era precária tanto na TV Tupi quanto na posterior TV Paulista. No entanto, mesmo diante dessas limitações, as emissoras ousaram transmitir jogos inteiros, já que o futebol era indispensável

em qualquer empreendimento de comunicação. Isso é evidenciado no depoimento de Luiz Guimarães, um dos primeiros contratados da TV Paulista, precursora da TV Globo.

Eu tinha de fazer também a locução das partidas de futebol. Fazia a abertura do jogo com narração de estúdio, corria para o estádio do Pacaembu para transmitir a partida externa, depois corria novamente para o estúdio para fazer a finalização e apresentação das próximas atrações. E tudo isso a pé... Sorte que o estádio era perto (Ribeiro, 2007, p. 142-143).

Conforme relatado por Ribeiro (2007, p. 143), dois anos após sua criação, a emissora entrou nos trilhos. A TV Record surgiu em 1953 e passou a competir pela audiência com a Tupi. Enquanto a empresa paulista foi pioneira na transmissão da primeira partida intermunicipal, entre Santos e Palmeiras, em 18 de dezembro de 1955, a Record, em parceria com a TV Rio, fez a primeira transmissão interestadual ao vivo em 26 de maio de 1956. Pouco tempo depois, em 1º de julho, novamente a Record e a TV Rio se uniram para transmitir ao vivo um amistoso entre Brasil e Itália, no Maracanã. Segundo Savenhago (2011, p. 25), essa realização impulsionou significativamente as vendas de televisores, já que a população passou a enxergar vantagens na aquisição desses aparelhos, que ainda eram uma novidade.

Com a popularização dos televisores, o esporte tornou-se mais acessível para aqueles que não podiam frequentar os locais das competições, mas ainda assim tinham interesse no segmento. Mais uma vez, o futebol desempenhou um papel crucial nesse cenário. Conforme apontado por Macedo (2008, p. 64), o futebol se globalizou com a televisão, alcançando uma escala de midiaticização inalcançável por outras modalidades esportivas.

Nos anos 1960, conforme observado por Rodrigues (2014, p. 17), a televisão brasileira explorava as mesas-redondas, transmissões e gravações de partidas de futebol. Além disso, a influência crescente da televisão sobre o público, combinada com a popularidade do rádio, transformou alguns membros da imprensa esportiva em verdadeiras celebridades, como destacado por Ribeiro (2007, p. 178). Outros eventos importantes da década incluíram a fundação da TV Globo, em 1965, e da TV Bandeirantes, em 1967.

Após a consolidação dos telejornais como tipo de programa padrão do jornalismo televisivo na década de sessenta, o país [Brasil] viveu um período de avanço tecnológico e abertura política que permitiu o surgimento de programas jornalísticos com formatos diferenciados. (...) Das transmissões das partidas, o esporte passou a ocupar um espaço importante na programação televisiva em programas que vão desde boletins contendo informações simples sobre o universo esportivo, a mesas redondas com debate entre especialistas e atuantes do campo esportivo, além de programas exibidos diariamente para relatar os assuntos extra-campo (Silva, 2005, p. 1).

Conforme observado por Ribeiro (2007, p. 227), a década de 1970 testemunhou uma onda de renovação na mídia esportiva televisiva, apesar dos atrasos técnicos nas transmissões. Em 1972, a TV Rio apresentou a primeira partida de futebol em cores na América do Sul, cobrindo o jogo entre Caxias e Grêmio.

Ribeiro (2007, p. 253) relata que no início dos anos 1980, a TV Globo buscava consolidar sua hegemonia nas transmissões esportivas, enfrentando concorrência da Record e da Band. Esta última se autodenominou o "Canal do Esporte", apostando em modalidades como vôlei, Fórmula Indy e futebol internacional. Na década seguinte, surgiram os canais por assinatura, oferecendo opções exclusivas para os amantes do esporte.

Em 1990, a Record já havia perdido sua posição proeminente na concorrência, deixando a disputa entre Globo e Band. Além de reforçar a relevância da televisão através da popularidade do futebol, o meio contribuiu significativamente em termos financeiros para o esporte. Segundo Ribeiro (2007, p. 278), a televisão se tornou o principal recurso de sobrevivência para os clubes brasileiros, com os canais por assinatura e a competição pelos direitos de transmissão aumentando ainda mais as receitas dos clubes.

Durante a Copa do Mundo de 1994, o evento atraiu uma audiência global de 31,7 bilhões de telespectadores, com 140 mil horas de transmissão, conforme Xavier (2000, p. 161) e o jornal Folha de S. Paulo. A última Copa do século XX, por sua vez, registrou uma audiência de 35 bilhões de telespectadores (Ribeiro, 2007, p. 294). Nesse período, as estruturas técnicas melhoraram e os jornalistas passaram a contar com mais recursos, como laptops e câmeras digitais.

3.2 A participação de jornalistas negras nas editorias de esporte

A participação de jornalistas negras nas editorias de esporte é um campo de estudo que revela a interseção entre raça, gênero e mídia. Amanda Cardoso Santos (2021) destaca que Vera Daisy Barcellos foi a primeira jornalista esportiva negra do Brasil, iniciando sua carreira no jornal Zero Hora em 1978. Barcellos não apenas rompeu barreiras raciais e de gênero, mas também se destacou na cobertura de futsal durante os 16 anos em que trabalhou no veículo. Seu pioneirismo pavimentou o caminho para futuras gerações de mulheres negras no jornalismo esportivo.

Além de Barcellos, outras mulheres negras também contribuíram significativamente para o jornalismo esportivo, embora em menor número. A "Enciclopédia do Rádio Esportivo

Mineiro" (2014) menciona Nair Prata e Úrsula Nogueira como pioneiras na radiodifusão esportiva em Minas Gerais. Amanda Cardoso Santos (2021) identificou outras oito jornalistas esportivas negras: Rita Andrade, Lica Oliveira, Karine Alves, Débora Gares, Roberta Garcia, Denise Thomaz Bastos, Raphaelle Seraphim e Cynthia Martins.

A análise de Collins e Bilge (2020) sobre a interseccionalidade revela como as relações de poder estruturais, envolvendo raça, gênero, classe e outras categorias sociais, influenciam a presença das mulheres negras no jornalismo esportivo. Essas autoras argumentam que as estruturas de poder, como o mercado de trabalho e as instituições de mídia, muitas vezes reforçam a exclusão de mulheres negras. No Brasil, o controle majoritário dos meios de comunicação por homens brancos (Santos, 2017; Moura e Peruzzo, 2021) contribui para essa exclusão, perpetuando a visão de que o esporte é um domínio masculino.

Considerando a análise estrutural do poder conforme discutida por Collins e Bilge (2020), torna-se evidente que o domínio masculino no jornalismo esportivo reforça um padrão estético que impõe às mulheres negras interessadas na área o critério de seleção racial.

Anúncios de emprego frequentemente incluíam como requisito "boa aparência", o que, segundo Gonzalez (2020), implicava na exclusão de pessoas negras para funções que envolviam interação direta com o público. Na comunicação, este padrão estendia-se, conforme observado por Souza et al. (2022, p.5), onde a estética se unia à informação, utilizando o corpo como um veículo de comunicação. Detalhes como vestimenta transmitiam significados e comunicavam algo ao receptor da mensagem.

No contexto esportivo, o viés racial na seleção é perceptível ao notarmos um padrão estético entre apresentadoras e repórteres. Este padrão estético pode ter suas raízes na política de branqueamento do país, baseada na hierarquia racial, onde o branco era considerado superior ao negro. Esta apreciação estética na mídia impõe às jornalistas negras o fardo de não se enquadrarem no padrão valorizado pela sociedade.

Wolf (1992) argumenta que a beleza é utilizada como moeda de troca pelos homens, sendo parte do sistema econômico. Neste sentido, o padrão eurocêntrico das jornalistas esportivas é explorado pelo meio como uma estratégia capitalista para atrair a audiência masculina. Esta percepção é corroborada por pesquisas de Souza et al. (2022) e Righi (2006).

Esta estratégia é validada pelo público devido à construção histórica do padrão de beleza no Brasil, onde pele branca, olhos claros e cabelos loiros e lisos são mais valorizados. No entanto, mesmo as apresentadoras que se encaixam neste padrão enfrentam dificuldades, como

assédio e questionamento de suas habilidades. Para as mulheres negras, este padrão pode representar mais uma barreira à sua inserção e permanência no jornalismo esportivo.

Tiago Vinícius André dos Santos (2020) investigou a relação entre mídia e racismo no Brasil, constatando que a maioria das concessões de rádio e TV está nas mãos de homens brancos. Moura e Peruzzo (2021) ressaltam que esses veículos pertencem a famílias como Marinho, Abravanel, Macedo, Saad, Frias e Sirotsky, fortalecendo a ideia de que o esporte é uma área de interesse masculino e dificultando a inserção de mulheres negras.

O resultado disso é que o discurso midiático brasileiro primeiro fortalece a ideia da branquitude, do privilégio branco. [...] Eu naturalizo a ideia de branquitude, a ideia de que não existe racismo no Brasil, e que a condição do negro enquanto um indivíduo subalternizado é o lugar natural da existência dele (Santos, 2020).

A divisão racial e sexual do trabalho é um fator crucial que molda a inserção das mulheres negras no jornalismo esportivo. Biroli (2016) observa que as normas históricas definiram o trabalho feminino e negro de maneira restritiva, limitando suas oportunidades. Esse legado de discriminação remonta à escravidão e ao período pós-abolição, quando o mercado de trabalho assalariado no Brasil não absorveu adequadamente a população negra recém-liberta.

O processo de abolição desencadeou uma série de problemas, sendo um deles a divisão racial do trabalho, que ganha fôlego, especialmente, no processo de compra e venda da força de trabalho, resultando na ausência de condições materiais para a população negra satisfazer as suas necessidades humanas básicas de reprodução da vida (Alves, 2022, n.p).

No contexto do jornalismo esportivo, as mulheres negras enfrentam não apenas a barreira do gênero, mas também a do racismo institucional. As exigências estéticas nos processos de contratação muitas vezes excluem candidatos negros, uma prática que González (2020) critica como "seleção racial disfarçada". No telejornalismo, a aparência continua sendo um critério de seleção importante, como destacado por Souza et al. (2022), onde a apresentação visual dos jornalistas desempenha um papel significativo na comunicação.

A interseccionalidade, conforme discutida por Collins e Bilge (2020), é uma ferramenta essencial para entender a complexidade da participação das jornalistas negras nas editorias de esporte. Ela permite analisar como as múltiplas formas de discriminação se interseccionam, criando barreiras únicas para essas mulheres. A visão interseccional revela que a luta das jornalistas negras é parte de um contexto mais amplo de desigualdade estrutural que necessita de atenção e mudança.

O exemplo mais evidente é o próprio objeto de estudo deste trabalho: o programa "Globo Esporte". Nos próximos capítulos, por meio de uma análise comparativa entre os programas locais do GE de São Paulo e Pernambuco, será demonstrado como a representatividade de mulheres negras na área se mostra significativamente inferior à de mulheres e homens brancos. Tal constatação evidencia as estruturas profundamente enraizadas nos meios de comunicação, tema já abordado nesta pesquisa.

A presença isolada de uma pessoa negra em uma posição de destaque pode, por vezes, ser interpretada sob a ótica do tokenismo. Esse cenário evidencia as estruturas profundamente enraizadas nos meios de comunicação, tema já abordado nesta pesquisa. A presença isolada de uma pessoa negra em uma posição de destaque pode, por vezes, ser interpretada sob a ótica do tokenismo.

O termo "tokenismo" é utilizado para descrever uma forma de inclusão superficial que visa evitar críticas de preconceito e discriminação, ao incorporar um número limitado de membros de grupos minoritários para criar uma falsa impressão de igualdade e diversidade (Radi, 2019). Originário do movimento negro estadunidense dos anos 1960, o tokenismo permeia diversas esferas sociais, incluindo a mídia e o mercado de trabalho, afetando grupos minoritários como pessoas com deficiência e indivíduos LGBTQIAP+.

Radi (2019) destaca que, frequentemente, um único indivíduo é designado como porta-voz de todo um grupo, negligenciando as nuances e diversidades internas das próprias minorias. Na mídia brasileira, essa dinâmica se manifesta quando casos de racismo são abordados, e representantes da comunidade negra são convocados para participar do debate. Entretanto, em outras áreas de conhecimento onde esses representantes poderiam contribuir, sua expertise muitas vezes é ignorada, reduzindo suas habilidades à sua identidade racial.

A inclusão simbólica das minorias nos espaços de poder frequentemente serve para manter a hegemonia dos grupos dominantes, perpetuando a sub-representação numérica das minorias e dificultando a verdadeira inclusão e ascensão de outros membros desses grupos (Radi, 2019). Essa dinâmica também se reflete na inclusão de mulheres negras no jornalismo esportivo, onde a presença isolada dessas profissionais nem sempre implica em uma mudança estrutural significativa.

4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo, detalhamos a metodologia adotada para investigar a participação das jornalistas negras nos programas Globo Esporte de São Paulo e Pernambuco. Inicialmente, descrevemos nossa estratégia combinada de pesquisa exploratória e descritiva, que nos permitiu obter uma compreensão ampla e profunda do tema. Explicamos também como utilizamos dados quantitativos e qualitativos para analisar a presença e representatividade dessas profissionais, destacando a importância de uma abordagem abrangente.

Além disso, buscamos analisar o próprio Globo Esporte, desde a sua criação até o modelo atual, para entender como o programa evoluiu ao longo do tempo e como isso influencia a participação das mulheres jornalistas negras. Este aspecto histórico nos ajudou a contextualizar a presença e a representatividade dessas profissionais na cobertura esportiva, considerando as mudanças no cenário televisivo e as dinâmicas do campo esportivo brasileiro.

4.1 Metodologia de Análise

Para compreender e analisar a participação das mulheres negras na cobertura esportiva da TV no Brasil, com foco nos programas Globo Esporte de São Paulo e Pernambuco, foi realizado um estudo que se configura como pesquisa exploratória e descritiva, utilizando uma abordagem tanto qualitativa quanto quantitativa.

De acordo com Gil (2002), a pesquisa exploratória visa aprimorar ideias ou descobrir novas intuições, sendo caracterizada por um planejamento flexível. Esta abordagem é importante para nosso estudo, pois permite a consideração de diversos aspectos da participação das jornalistas negras na cobertura esportiva. A flexibilidade do método exploratório é essencial para adaptar-se às diferentes situações e contextos que surgem durante a pesquisa, possibilitando insights mais profundos e abrangentes.

Paralelamente, a pesquisa também é descritiva, uma vez que teve o objetivo de mapear e descrever a presença e a representatividade das jornalistas negras na cobertura esportiva da TV no Brasil. Este tipo de investigação permite uma compreensão detalhada da realidade dessas profissionais, contribuindo para o desenvolvimento de futuras pesquisas mais precisas e embasadas. A descrição detalhada das atividades, desafios e conquistas das jornalistas negras fornece uma base sólida para entender a complexidade de sua participação na mídia esportiva.

Os dados quantitativos complementam a análise qualitativa, oferecendo uma visão abrangente da representatividade das jornalistas negras na cobertura esportiva. A abordagem qualitativa envolve uma análise detalhada e interpretativa dos conteúdos, buscando compreender as nuances e contextos em que as jornalistas negras aparecem nos programas. Este método permite explorar aspectos subjetivos, como o tom das reportagens, a narrativa utilizada e as percepções implícitas ou explícitas sobre raça e gênero.

Por outro lado, a abordagem quantitativa foi realizada através da análise de seis edições dos programas "Globo Esporte" de São Paulo e Pernambuco, distribuídas igualmente entre os dois estados. Nesta etapa, coletamos dados sobre gênero, raça, tempo e frequência de aparição das jornalistas, bem como os temas das reportagens. Esses dados numéricos permitiram mensurar a presença e visibilidade das jornalistas negras de maneira objetiva, fornecendo uma base sólida para comparações e identificações de padrões.

Combinando essas duas abordagens, conseguimos uma compreensão mais completa e robusta da representatividade e das experiências das jornalistas negras no jornalismo esportivo brasileiro. A análise qualitativa revelou os contextos e narrativas, enquanto a quantitativa forneceu dados concretos que reforçam e esclarecem as observações interpretativas.

Para aprofundar a análise, utilizamos o método de estudo de caso, examinando seis edições específicas dos programas Globo Esporte, conforme detalhado no Quadro 1. Foram analisadas três edições de São Paulo (15/04, 17/04 e 19/04 de 2014) e três de Pernambuco (16/04, 17/04 e 18/04 de 2014).

Quadro 1 – Edições do Globo Esporte analisadas

Programa	Data da edição
Globo Esporte São Paulo	15/04/2014
Globo Esporte São Paulo	17/04/2014
Globo Esporte São Paulo	19/04/2014
Globo Esporte Pernambuco	16/04/2014
Globo Esporte Pernambuco	17/04/2014
Globo Esporte Pernambuco	18/04/2014

Elaborado pela autora (2024)

Ventura (2007) destaca que o estudo de caso é eficaz para investigar particularidades e nuances de uma situação específica. Este método permite uma análise aprofundada de um fenômeno dentro de seu contexto real, proporcionando uma compreensão detalhada e holística.

No caso deste trabalho, o estudo de caso envolve a análise minuciosa das edições citadas anteriormente, permitindo identificar padrões, variáveis contextuais e interações específicas que podem não ser evidentes em análises mais amplas ou generalistas.

Analisamos detalhadamente como as jornalistas negras contribuem para a diversidade e a representatividade na cobertura esportiva, trazendo suas perspectivas únicas para enriquecer as narrativas e promover uma cobertura mais inclusiva e justa. Para a coleta dos dados, focamos em vários aspectos cruciais para compreender a representatividade das jornalistas negras. Especificamente, analisamos a identidade dos repórteres e apresentadores, seu gênero e raça, bem como o tempo e a frequência de suas aparições nos programas. Além disso, examinamos os temas das reportagens para identificar possíveis padrões e tendências na cobertura esportiva.

O processo de coleta de dados envolveu a análise sistemática das edições dos programas "Globo Esporte" de São Paulo e Pernambuco. Em cada edição, registramos o nome e o papel de cada profissional (repórter ou apresentador), categorizamos seu gênero e raça, e cronometramos o tempo de aparição de cada um. Também contabilizamos a frequência de aparições para medir a visibilidade de cada jornalista.

A metodologia adotada nesta pesquisa combina técnicas exploratórias, descritivas, qualitativas e quantitativas para oferecer uma análise abrangente e detalhada da participação das jornalistas negras na cobertura esportiva do Globo Esporte em São Paulo e Pernambuco. Ao integrar diferentes métodos e abordagens, buscamos compreender profundamente a realidade dessas profissionais e sua contribuição para uma mídia esportiva mais diversa e representativa.

4.2 O programa Globo Esporte

No dia 14 de agosto de 1978, estreou o Globo Esporte, um programa exibido de segunda a sexta-feira, habitualmente ao meio-dia e cinquenta. Apesar de sua programação ser uma constante, o horário muitas vezes precisa de ajustes, ora sendo adiantado, ora sendo postergado, mas sempre mantendo-se durante o horário do almoço.¹

O surgimento do GE se deu como substituição ao Copa Brasil, que esteve no ar desde 17 de outubro de 1977 até 12 de agosto do ano subsequente, concentrando-se unicamente na cobertura da competição homônima, e conseqüentemente, focando apenas no futebol. Naquela

¹ Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/esporte/telejornais-e-programas/globoesporte/noticia/evolucao.ghtml>. Acesso em: 10 de abril de 2024.

época, o campeonato brasileiro era denominado Copa Brasil. Com o término da competição, para não perder a oportunidade de manter um programa esportivo diário, a Globo optou por criar o Globo Esporte.²

Ao contrário de seu antecessor, o GE ampliou sua abordagem. O propósito do programa é cobrir eventos esportivos tanto nacionais quanto internacionais, destacando os campeonatos de futebol, dada a sua popularidade no país, mas sem negligenciar outras modalidades como vôlei, surfe, basquete, natação e tênis. Além de relatar os resultados das partidas e competições, o programa se dedica a acompanhar o cotidiano dos clubes e atletas, contando histórias intrigantes de superação e outras que sejam notáveis.³

Em essência, o GE é um telejornal clássico, com um apresentador conduzindo e introduzindo as reportagens. Uma particularidade é a ausência de comentaristas, comum em programas esportivos de canais fechados, o que mantém o GE como uma fonte informativa, sem opiniões. Resumindo, conforme descrito no site Memória Globo, o programa revela o espetáculo e a paixão pelo esporte, documenta a vida dos atletas e oferece uma cobertura abrangente dos eventos esportivos nacionais e internacionais.⁴

O jornalista Léo Batista foi o primeiro apresentador do Globo Esporte, uma figura proeminente no jornalismo esportivo nacional. Sua trajetória inclui momentos históricos, como a narração do primeiro gol transmitido ao vivo pela TV brasileira em uma Copa do Mundo, em 1970, no México, e a cobertura pioneira da Fórmula 1 na emissora, em 1972.

No início do programa, Léo Batista conduzia o Globo Esporte de uma forma simples, em um formato de bancada, embora a câmera não o mostrasse em enquadramento, conforme a imagem 1. Era perceptível pela sua expressão facial, movimentação das mãos e ruídos ao folhear papéis que ele tinha um roteiro à sua frente, durante a apresentação do telejornal.

Imagem 1: Léo Batista apresentando a primeira edição do Globo Esporte

² Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/esporte/telejornais-e-programas/globoesporte/noticia/evolucao.ghtml>. Acesso em: 10 de abril de 2024.

³ Idem.

⁴ Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/esporte/telejornais-e-programas/globoesporte/noticia/evolucao.ghtml>. Acesso em: 10 de abril de 2024.



Fonte: Memória Globo (s.d)

À medida que o tempo passava, o Globo Esporte foi se transformando e ganhando maior destaque dentro da cobertura esportiva. Durante a década de 1980, não apenas o GE, mas todo o cenário esportivo passou a ocupar mais espaço nos telejornais da emissora. Isso resultou em um aumento de recursos e em matérias mais elaboradas para o programa.

Em 1983, o programa teve sua duração ampliada e passou a ser exibido aos sábados, às 12h40, antes do Jornal Hoje⁵, uma tradição que permanece até hoje. Foi nesse período que Leonardo Gryner assumiu a direção de Esportes da Globo, introduzindo uma abordagem mais irreverente e promovendo uma maior interação com a equipe de criação, como mencionado pelo portal Memória Globo. As reportagens começaram a incorporar novos recursos, como animações, gráficos e vinhetas especiais, conferindo ao programa um estilo mais dinâmico para contar suas histórias⁶.

Um dos nomes fundamentais nesse desenvolvimento do Globo Esporte foi Hedyl Valle Junior, que teve a ideia pioneira de mesclar esporte e entretenimento. Na edição de 15 anos, em 1993, Hedyl explicou essa visão vanguardista, que se tornaria a identidade do programa anos mais tarde:

Nesses quinze anos, o Globo Esporte foi o primeiro programa de televisão, não só de esportes, mas de televisão em geral, a fazer muitas coisas. Primeiro, de ter um bloco de esportes regional. Vocês, do país inteiro, passaram a ter graças ao Globo Esporte a garantia de um programa de esporte só do seu

⁵ Telejornal da Globo que vai ao ar para o Brasil todo na sequência do Globo Esporte, de segunda à sexta-feira. Traz as principais notícias do dia a dia e temas de interesse geral, além de reportagens e séries especiais.

⁶ Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/esporte/telejornais-e-programas/globoesporte/noticia/evolucao.ghtml>. Acesso em: 10 de abril de 2024.

estado. Depois, o Globo Esporte abriu espaço para os chamados esportes amadores da época e que hoje se tornaram até mais profissionais ou, pelo menos, mais bem organizados do que o próprio futebol. Mas, nesses quinze anos, a melhor lição que eu trouxe do Globo Esporte, que não me vou me esquecer nunca, é não confundir seriedade com chatice. O Globo Esporte trata das coisas sérias, trata com seriedade, mas sempre com muito bom humor.

Ao longo dos anos 2000, o Globo Esporte abandonou o formato de bancada e adotou o Chroma Key⁷ como cenário de apresentação até 2007. Essa tecnologia permitia inserções gráficas no fundo do estúdio, como fotos marcantes de jogos, escudos de times ou elementos relacionados aos assuntos em discussão. Embora os presentes no estúdio não pudessem ver, os telespectadores em casa podiam visualizar esses elementos na tela.

Em 2008, o programa testemunhou um marco significativo com a inclusão de Glenda Kozłowski como primeira apresentadora mulher em sua equipe.⁸ Essa adição histórica refletiu não apenas uma mudança na composição de gênero do programa, mas também indicou uma transformação gradual na indústria esportiva televisiva. A entrada de Glenda Kozłowski, embora tenha ocorrido tardiamente em relação às demandas por igualdade de gênero, representa um ponto de partida importante para examinar a inclusão de jornalistas mulheres no cenário esportivo contemporâneo.

A partir de maio de 2011, o Globo Esporte iniciou um processo de regionalização, introduzindo edições diárias para Porto Alegre, Florianópolis, Curitiba, Salvador, Recife e Fortaleza. O conteúdo produzido por essas praças era distribuído para 40 afiliadas e regionais, enquanto as demais capitais continuavam a receber a edição nacional, apresentada por Cristiane Dias. Essa iniciativa tinha como objetivo principal aproximar o programa ainda mais dos torcedores, oferecendo notícias relevantes para cada região do país. Em outras palavras, as edições locais se dedicavam a trazer os acontecimentos esportivos mais importantes e interessantes de cada localidade.⁹

A segmentação ganhou força com a introdução das edições estaduais, impulsionada pelo crescimento do jornalismo local. Além de ter notícias mais próximas da realidade do torcedor, a edição local traz uma característica importante dentro do jornalismo brasileiro: a familiaridade. Com edições especializadas, o GE traz um apresentador da região. Consequentemente, você

⁷ Técnica utilizada em vídeos nos quais há substituição do fundo original por algum outro vídeo, foto ou cenário virtual.

⁸ Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/perfil/glenda-kozłowski/noticia/glenda-kozłowski.ghtml>. Acesso em: 10 de abril de 2024.

⁹ Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/esporte/telejornais-e-programas/globoesporte/noticia/evolucao.ghtml>. Acesso em: 10 de abril de 2024.

tem um sotaque local, ou seja, uma linguagem que aproxima as marcas de oralidade da sua região, o que traz consigo uma identificação. Este ponto coincide com que Muniz Sodré afirma em “O Monopólio da Fala” que a figura do apresentador é peça fundamental para criar uma identificação e atingir o público. A linguagem coloquial e familiar na apresentação das notícias aproxima o telespectador da notícia e gera esta identificação (Sodré apud Affonso, 2015, p.58).

Nos próximos capítulos vamos direcionar nosso olhar para a presença das jornalistas negras nos programas Globo Esporte de São Paulo e Pernambuco. Ao explorarmos essas análises regionais, podemos aprofundar nossa compreensão sobre como essas profissionais são retratadas e reconhecidas em diferentes contextos geográficos e culturais do Brasil. Essa investigação nos permitirá examinar os desafios específicos enfrentados por essas jornalistas em suas respectivas regiões e, a partir disso, desenvolver estratégias que promovam uma maior inclusão e diversidade no jornalismo esportivo nacional.

5. A PRESENÇA DA MULHER NEGRA NO GLOBO ESPORTE

Este capítulo busca analisar a participação e as contribuições das mulheres jornalistas negras em quatro edições do programa Globo Esporte, especificamente das edições de São Paulo e Pernambuco. Foram analisadas três edições de cada região, com o objetivo de entender como as mulheres negras estão representadas no contexto esportivo televisivo. Utilizando uma abordagem quantitativa e qualitativa, os dados obtidos foram organizados em tabelas, permitindo uma interpretação detalhada ao final das análises. O foco foi identificar a frequência de participação, os temas abordados e o tempo de aparição, destacando a contribuição das mulheres jornalistas negras no Globo Esporte e as diferenças entre as edições de São Paulo e Pernambuco.

5.1 Globo Esporte São Paulo - Edição do dia 15/04/2024

A edição do Globo Esporte São Paulo do dia 15 de abril de 2024 foi ao ar numa segunda-feira, conforme a imagem 2. O programa deste dia, apresentado por Felipe Andreoli, teve uma duração de 22 minutos, dividido em dois blocos. Esta edição abordou diversos temas esportivos, com um foco predominante no futebol, refletindo a intensidade do calendário esportivo brasileiro e a relevância do futebol no cenário nacional.

Imagem 2 - Globo Esporte com Felipe Andreoli



Fonte: Print screen / Globo Play (2024)

Os principais destaques incluíram a estreia do São Paulo no campeonato contra o Fortaleza, onde o time paulista sofreu uma derrota. Em seguida, houve uma análise da primeira

rodada do Brasileirão, um campeonato que sempre desperta grande interesse dos telespectadores. O programa também cobriu a estreia do Santos na série B, um acontecimento significativo dada a história do clube na primeira divisão.

Além do futebol, a edição abordou outros esportes, como o surf, com uma breve menção à etapa de Margaret River na Austrália, onde quatro brasileiros avançaram na competição. Esta diversidade de temas, embora breve, demonstra um esforço em abranger diferentes modalidades esportivas, ainda que o futebol permaneça central.

Para fornecer uma visão mais detalhada da representatividade de gênero e raça na edição do programa, analisamos vários aspectos cruciais, incluindo os apresentadores, repórteres, temas das reportagens, e o tempo de aparição de cada profissional.

No entanto, a análise revelou uma ausência significativa de representatividade feminina e negra. Todos os repórteres e apresentadores eram homens, e nenhum dos profissionais identificados era negro. O Quadro 2 detalha os dados coletados para essa edição específica, incluindo os temas das reportagens e o tempo de aparição de cada repórter.

Quadro 2 - Análise da Edição do Globo Esporte São Paulo - 15/04/2024

Data	Repórter	Gênero do Repórter	Repórter Negro (Sim/ Não)	Tempo de Aparição (min)
15/04/2024	Vinícius Bueno	Homem	Não	3'15"
15/04/2024	Plácido Merci	Homem	Não	4'12"
15/04/2024	Felipe Andreoli	Homem	Não	3'27"
15/04/2024	Murilo Tauro	Homem	Não	59"
15/04/2024	Felipe Andreoli	Homem	Não	40"
15/04/2024	Victor La Regina	Homem	Não	4'30"

Elaborado pela autora (2024)

5.2 Globo Esporte São Paulo - Edição do dia 17/04/2024

Na presente edição, exibida em 17 de abril de 2024, observamos uma programação diversificada em termos de temas esportivos, mas com uma clara desproporção na participação de repórteres de diferentes gêneros e raças. O apresentador Felipe Andreoli conduziu toda a edição, além de participar como repórter.

Felipe Brisola foi responsável por duas reportagens: a primeira abordou o Brasileirão, especificamente o jogo entre Flamengo e São Paulo, e a segunda tratou dos brasileiros

realizando o sonho olímpico em outros países. Vinícius Bueno também teve duas aparições, falando inicialmente sobre o técnico Carpini enfrentando uma "missão impossível" contra o Flamengo e, em seguida, sobre Abel comparando a montagem do time com estratégias da Fórmula 1. Pedro Rocha dedicou-se à cobertura da partida do Corinthians contra o Juventude. Felipe Andreoli, além de apresentar o programa, reportou sobre a semifinal da Champions League entre PSG e Borussia Dortmund. Por fim, Guilherme Pereira tratou do marco dos 100 dias para os Jogos Olímpicos de Paris, com uma breve reportagem.

Conforme mostra o Quadro 3, a distribuição das reportagens revela a predominância masculina e a falta de diversidade racial entre os repórteres. Este quadro ilustra a disparidade na representação de gêneros e raças, evidenciando a necessidade de uma reflexão mais profunda sobre a representatividade na mídia esportiva.

Quadro 3 - Análise da Edição do Globo Esporte São Paulo - 17/04/2024

Data	Repórter	Gênero do Repórter	Repórter Negro (Sim/ Não)	Tempo de Aparição (min)
17/04/2024	Felipe Brisola	Homem	Não	2'20"
17/04/2024	Vinícius Bueno	Homem	Não	2'25"
17/04/2024	Amanda barbosa	Mulher	Sim	1'10"
17/04/2024	Vinícius Bueno	Homem	Não	3'05"
17/04/2024	Pedro Rocha	Homem	Não	3'10"
17/04/2024	Felipe Andreoli	Homem	Não	1'58"
17/04/2024	Guilherme Pereira	Homem	Não	1'
17/04/2024	Felipe Brisola	Homem	Não	3'05"

Elaborado pela autora (2024)

Nesta edição, tivemos a participação de uma jornalista, especialmente uma mulher jornalista negra, Amanda Barbosa, como observamos na imagem 3. Ela apresentou uma reportagem sobre o Palmeiras recebendo o Internacional na Arena Barueri, com um tempo de apenas 1 minuto e 10 segundos. Embora esta participação tenha sido breve, a presença de Amanda como repórter é um ponto positivo importante para a diversidade na cobertura esportiva. Sua reportagem trouxe à tona a preparação do Palmeiras para o jogo contra o Internacional, um tema relevante para o público paulistano e torcedores do futebol brasileiro.

Imagem 3 - Amanda Barbosa no Globo Esporte SP



Fonte: Print screen / Globo Play (2024)

Porém, o tempo limitado concedido a Amanda contrasta fortemente com os tempos de exposição dados a seus colegas jornalistas, conforme exposto no Quadro 3. Por exemplo, as reportagens de Pedro Rocha e Vinícius Bueno variaram de 2 minutos e 25 segundos a 3 minutos e 10 segundos, sendo mais que o dobro do tempo concedido a Amanda.

5.3 Globo Esporte São Paulo - Edição do dia 19/04/2024

Na sexta-feira, o programa foi aberto com uma reportagem de Amanda Barbosa sobre o São Paulo Futebol Clube, que está perto de anunciar o técnico Luis Zubeldia. A repórter detalhou a negociação e o otimismo da equipe em relação à contratação do treinador. A reportagem teve um tempo de aparição de 1 minuto e 12 segundos.

Imagem 4 - Ao vivo com Amanda Barbosa no Globo Esporte SP



Fonte: Print screen / Globo Play (2024)

Em seguida, Leo Lepri relatou sobre a trajetória de Luis Zubeldia, destacando suas passagens por clubes grandes ao longo de 16 anos de carreira. Continuando com a cobertura esportiva, Vinícius Bueno apresentou uma reportagem sobre o Palmeiras, que inaugurou novas instalações para as categorias de base, ressaltando a importância da formação de jovens atletas.

Pedro Rocha trouxe uma notícia preocupante para os torcedores do Corinthians: o jogador Maycon sofreu uma lesão grave no joelho e não jogará mais em 2024. Murilo Tauro informou sobre a estreia do Santos na série B do Campeonato Brasileiro, com a partida marcada contra o Paysandu para o dia seguinte.

Felipe Andreoli também fez reportagens, incluindo uma sobre o campeonato da World Surf League (WSL), onde Samuel Pupo avançou às quartas de final, enquanto Gabriel Medina e Miguel Pupo foram eliminados. Por fim, o programa apresentou uma reportagem especial de Felipe Andreoli sobre o centenário do Juventus da Mooca, no quadro "Vovós do GE"

Quadro 4 - Análise da Edição do Globo Esporte São Paulo - 19/04/2024

Data	Repórter	Gênero do Repórter	Repórter Negro (Sim/ Não)	Tempo de Aparição (min)
19/04/2024	Amanda barbosa	Mulher	Sim	1'10"
19/04/2024	Leo Lepri	Homem	Não	50"
19/04/2024	Vinícius Bueno	Homem	Não	4'45"
19/04/2024	Pedro Rocha	Homem	Não	1'11"
19/04/2024	Murilo Tauro	Homem	Não	1'03"

19/04/2024	Felipe Andreoli	Homem	Não	36"
19/04/2024	Felipe Andreoli	Homem	Não	7'

Elaborado pela autora (2024)

Nesta terceira e última edição analisada, seguindo sua função notada na edição anterior, Amanda Barbosa foi mais uma vez o único nome feminino do programa, conforme mostra o quadro 4. Sendo assim, confirmamos a menor participação de mulheres em tais edições e, no geral, até aqui.

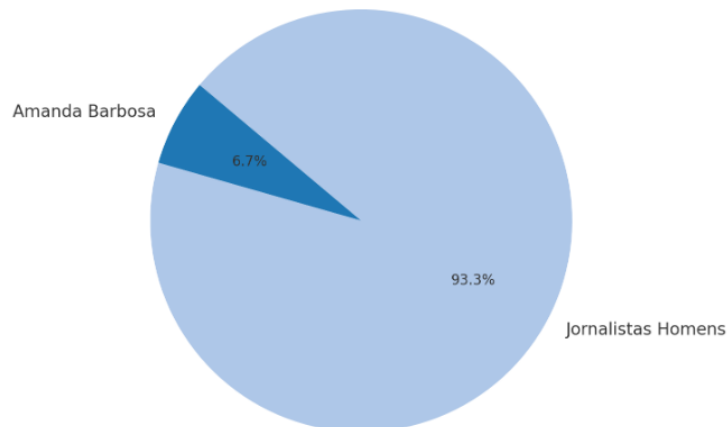
5.4 Síntese da participação de Amanda Barbosa

A partir das análises das edições do Globo Esporte SP verificamos que a participação de Amanda Barbosa evidencia a escassa representatividade feminina nas edições analisadas. A repórter apareceu em duas das três edições do programa da Globo, especificamente nos dias 17/04/2024 e 19/04/2024. No entanto, apesar dessa presença, Amanda foi a única mulher a estar presente e seus períodos de aparição foram significativamente menores em comparação com os dos jornalistas homens. Em 17/04/2024, ela teve 1 minuto e 10 segundos de reportagem, e em 19/04/2024, sua participação foi de 1 minuto e 12 segundos.

Ao compararmos esses tempos com os dos repórteres homens, fica evidente a disparidade: por exemplo, Vinícius Bueno teve aparições de 2 minutos e 25 segundos e 3 minutos e 5 segundos em uma única edição, e em outra edição, ele teve 4 minutos e 45 segundos. Pedro Rocha também teve aparições de 3 minutos e 10 segundos e 1 minuto e 11 segundos. Esses dados mostram que, apesar de Amanda Barbosa aparecer em duas edições, seu tempo de aparição é muito inferior ao dos repórteres homens, destacando a menor ocupação de tempo por mulheres no programa.

O Gráfico 1, considera as edições dos dias 17/04 e 19/04 e ilustra a distribuição do tempo de aparição por gênero. Onde o azul escuro representa Amanda Barbosa e o azul claro representa os seus colegas jornalistas homens. Como mostrado, os homens ocuparam 93,2% do tempo total de aparição, enquanto Amanda Barbosa teve apenas 6,8% do tempo. Esses dados evidenciam a significativa disparidade de gênero no programa, destacando a necessidade de uma maior representatividade feminina.

Gráfico 1 - Tempo de aparição de Amanda Barbosa



Elaborado pela autora (2024)

5.5 Globo Esporte Pernambuco - Edição do dia 16/04/2024

O programa foi aberto com uma reportagem apresentada por Lílian Fonsêca, que narrou em off a história pessoal do jogador do Sport, Alisson Cassiano, focando no nascimento de sua filha Manuela e na nova rotina como pai. No estúdio, a apresentadora Sabrina Rocha conduziu a introdução da matéria, dando um tom humanizado ao início da edição, assim como mostra a imagem 5.

Imagem 5: Apresentadora Sabrina Rocha Humaniza a Introdução da Matéria



Fonte: Print screen / Globo Play (2024)

Logo após, Sabrina apresentou uma matéria breve sobre o retorno do jogador Chico ao Sport após um empréstimo ao Novorizontino, destacando como Chico irá reforçar o time na Série B. Em seguida, Sarah Porto anunciou a nomeação do ex-zagueiro Betão como novo

diretor técnico de futebol do Timbu, destacando a mudança na gestão do clube, conforme mostra a imagem 6.

Imagem 6 - Sarah Porto no Globo Esporte PE



Fonte: Print screen / Globo Play (2024)

A quarta reportagem, apresentada por Julia Guimarães, repórter do Rio de Janeiro do grupo Globo e colaboradora do GE RJ, trouxe informações detalhadas sobre o próximo confronto do Brasileirão entre Flamengo e São Paulo, que seria transmitido no dia seguinte. Sabrina Rocha, no estúdio, introduziu a matéria, criando uma expectativa entre os telespectadores para a partida. Conforme mostra a Imagem 7, a cobertura incluiu detalhes importantes que aumentaram o interesse pelo jogo.

Imagem 7 - Reportagem de Júlia Guimarães produzida no Rio de Janeiro



Fonte: Print screen / Globo Play (2024)

Para finalizar o programa, foi exibida uma reportagem apresentada por Lílian Fonsêca, destacando o futebol americano do Santa, que agora utiliza o Arruda como casa. Este segmento diversificou o conteúdo do programa, demonstrando a abrangência do Globo Esporte Pernambuco ao cobrir não só o futebol tradicional, mas também outros esportes que estão ganhando espaço na região.

Imagem 8 - Lílian Fonseca no Globo Esporte PE



Fonte: Print screen / Globo Play (2024)

Nesta primeira edição analisada, observamos que todas as reportagens foram conduzidas por mulheres, demonstrando uma presença feminina significativa no programa. No entanto, conforme mostra o Quadro 5, não houve a participação de nenhuma jornalista negra.

Quadro 5 - Análise da Edição do Globo Esporte Pernambuco - 16/04/2024

Data	Repórter	Gênero do Repórter	Repórter Negro (Sim/ Não)	Tempo de Aparição (min)
16/04/2024	Lílian Fonsêca	Mulher	Não	3'06"
16/04/2024	Sabrina Rocha	Mulher	Não	1'01"
16/04/2024	Sarah Porto	Mulher	Não	1'32"
16/04/2024	Julia guimarães	Mulher	Não	2'41"
16/04/2024	Lílian Fonsêca	Mulher	Não	2'47"

Elaborado pela autora (2024)

5.6 Globo Esporte Pernambuco - Edição do dia 17/04/2024

A edição inicia com uma matéria de 6 minutos e 16 segundos sobre a campanha iniciada pelo time do Santa Cruz para arrecadar R\$15 milhões para o tratamento do menino Thiaguinho, cujos pais são torcedores do time. A produção da matéria ficou por conta de Rômulo Alcoforado. A apresentadora Sabrina Rocha introduziu a reportagem no estúdio, conferindo um tom de urgência e importância à abertura da edição.

Logo após, Sabrina Rocha apresenta uma matéria mais breve, sobre o Sport e seu adversário na terceira fase da Copa do Brasil, reportada por Diogo Marques, conforme mostra a imagem 9. A reportagem destaca as expectativas e preparativos do time para a competição.

Imagem 9 - Diogo Marques no Globo Esporte PE



Fonte: Print screen / Globo Play (2024)

Em seguida, Thiago Ribeiro entra com uma reportagem abordando a contribuição do jogador Samuel Pires para o avanço do Sport na Copa do Brasil sub-17. Sabrina Rocha, no estúdio, introduz esta matéria, ressaltando a importância das categorias de base para o futuro do esporte.

Imagem 10 - Thiago Ribeiro no Globo Esporte PE



Fonte: Print screen / Globo Play (2024)

A quarta reportagem, apresentada por Lílian Fonsêca, traz informações sobre o Timbu, que busca encerrar um jejum de vitórias contra o São Bernardo. Sabrina Rocha introduz a matéria no estúdio, gerando expectativa entre os telespectadores sobre o desempenho do time.

Logo após, Guilherme Pereira, jornalista do grupo Globo, apresentou uma pequena reportagem sobre os preparativos para as Olimpíadas de Paris, faltando 100 dias para o evento, assim como ilustra a imagem 11.

Imagem 11 - Guilherme Pereira direto de Paris para o Globo Esporte PE



Fonte: Print screen / Globo Play (2024)

Para finalizar o programa, Diogo Marques retornou com uma reportagem sobre o apoio da torcida pernambucana ao Minas e Praia Clube na final da Superliga. Sabrina Rocha conduziu a introdução desta matéria, evidenciando o envolvimento da torcida local com esportes além do futebol.

Nesta segunda edição, comparada à última analisada, já observamos um cenário diferente no que diz respeito à predominância de jornalistas do sexo masculino. Conforme ilustrado no Quadro 6, das seis reportagens, cinco foram conduzidas ou produzidas por homens, com apenas uma presença feminina. Continuamos sem a presença de nenhuma jornalista negra. Porém, no que diz respeito à inclusão de mulheres jornalistas, a representatividade ainda é inexistente.

Quadro 6 - Análise da Edição do Globo Pernambuco - 17/04/2024

Data	Repórter	Gênero do Repórter	Repórter Negro (Sim/ Não)	Tempo de Aparição (min)
17/04/2024	Rômulo Alcoforado	Homem	Não	6'16"
17/04/2024	Diogo Marques	Homem	Sim	1'56"
17/04/2024	Thiago Ribeiro	Homem	Não	2'11"
17/04/2024	Lílian Fonsêca	Mulher	Não	2'33"
17/04/2024	Guilherme Pereira	Homem	Não	54"
17/04/2024	Diogo Marques	Homem	Sim	3'11"

Elaborado pela autora (2024)

5.7 Globo Esporte Pernambuco - Edição do dia 18/04/2024

Na última edição analisada, a primeira matéria, conduzida por Thiago Ribeiro, abordou como a crossfiteira Irmã Marluce viralizou na internet ao fazer exercícios e mudar hábitos, destacando a influência positiva das redes sociais na promoção da saúde.

Em seguida, Sabrina Rocha apresentou uma reportagem de 2 minutos e 34 segundos, conduzida por Diogo Marques, sobre a "cartilha" de Mazola Júnior para o Náutico conseguir o acesso, destacando as estratégias e preparativos do time para alcançar seus objetivos na competição.

A terceira matéria, novamente apresentada por Thiago Ribeiro, durou 2 minutos e 3 segundos e trouxe informações sobre o Sport, que enfrentará o Atlético/MG na terceira fase da Copa do Brasil. A reportagem destacou a preparação do time e as expectativas para o confronto.

A quarta reportagem, conduzida por Juan Torres, teve uma duração de 1 minuto e 54 segundos e discutiu o desempenho do Sport na semifinal da Copa do Brasil sub-17, onde o time saiu atrás. A matéria destacou os desafios enfrentados pelo time jovem e suas chances de recuperação na competição.

Para finalizar, Lílian Fonsêca apresentou uma matéria de 2 minutos e 45 segundos sobre como grandes eventos estão motivando os jovens do Recife a praticar vôlei. A reportagem destacou o impacto positivo do esporte na vida dos jovens e a importância de eventos esportivos para incentivar a prática esportiva na região.

Quadro 7 - Análise da Edição do Globo Pernambuco - 18/04/2024

Data	Repórter	Gênero do Repórter	Repórter Negro (Sim/ Não)	Tempo de Aparição (min)
18/04/2024	Thiago Ribeiro	Homem	Não	4'39"
18/04/2024	Diogo Marques	Homem	Sim	2'34"
18/04/2024	Thiago Ribeiro	Homem	Não	2'03"
18/04/2024	Juan Torres	Homem	Não	1'54"
18/04/2024	Lílian Fonsêca	Mulher	Não	2'45"

Elaborado pela autora (2024)

Esta última edição analisada foi composta por cinco reportagens, sendo quatro apresentadas por jornalistas homens e apenas uma por uma jornalista mulher. No entanto, é importante ressaltar que não houve participação de nenhuma jornalista negra.

5.8 Síntese da visão geral dos programas

A análise das edições do Globo Esporte São Paulo revela uma marcante desigualdade na participação de mulheres jornalistas negras em comparação aos homens. Amanda Barbosa, a única mulher negra que aparece nas edições dos dias 17 e 19 de abril de 2024, teve um tempo de aparição significativamente menor do que seus colegas homens. Em 17 de abril, sua reportagem durou apenas 1 minuto e 10 segundos, enquanto os jornalistas homens tiveram tempos variando de 2 minutos e 25 segundos a 3 minutos e 10 segundos. No dia 19 de abril, Amanda apareceu novamente com uma matéria de 1 minuto e 12 segundos, contrastando com os tempos mais longos dos repórteres masculinos.

A aparente inclusão de minorias nos espaços de poder frequentemente contribui para a manutenção do status quo desses grupos sociais. Conforme Radi (2019) aponta, essa participação simbólica sustenta a inferioridade numérica desses grupos, e sua presença nem sempre facilita a abertura de caminhos para outros, podendo até ter o efeito contrário. Isso é evidente na inclusão de raça e gênero no jornalismo esportivo. A Globo é vista pelo público como uma emissora inclusiva por ter uma jornalista negra na cobertura esportiva. No entanto, a presença de Amanda Barbosa, apesar de importante para a representatividade, não altera significativamente a estrutura do problema.

Quando voltamos o olhar para o Globo Esporte Pernambuco, a situação não é muito diferente. Embora Sabrina Rocha esteja presente como apresentadora do programa, nas edições analisadas de 16, 17 e 18 de abril de 2024, não houve participação de jornalistas negras. Em 16 de abril, todas as reportagens foram conduzidas por mulheres, mas nenhuma delas era negra. Em 17 de abril, a maioria das reportagens foi conduzida por homens, e novamente, nenhuma jornalista negra participou. O mesmo padrão se repetiu em 18 de abril, com predominância masculina e a ausência de jornalistas negras.

Essa análise evidencia que, mesmo quando há uma aparente inclusão de mulheres, a presença de mulheres negras no jornalismo esportivo é extremamente limitada. Tanto no Globo Esporte São Paulo quanto no Globo Esporte Pernambuco, a participação dessas mulheres é simbólica e não reflete uma mudança estrutural significativa. A representatividade é limitada, e a inclusão efetiva de mulheres negras no jornalismo esportivo ainda enfrenta barreiras substanciais.

A regionalidade também influencia essas dinâmicas. No Globo Esporte São Paulo, a cobertura é fortemente centrada no futebol, com um foco predominante nas equipes locais. Em

Pernambuco, embora a cobertura esportiva seja mais diversificada, abrangendo modalidades menos tradicionais, a ausência de mulheres negras persiste. Essas diferenças regionais ressaltam que, independentemente da localização geográfica, a inclusão de gênero e raça ainda enfrenta desafios estruturais profundos, que necessitam de abordagens mais efetivas e sustentáveis para alcançar uma verdadeira representatividade e inclusão no campo do jornalismo esportivo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise comparativa do Globo Esporte, proposta por este trabalho, possibilitou analisar as diversas facetas e desafios enfrentados pelas jornalistas negras no campo esportivo. Este estudo se propôs a investigar a representatividade e as contribuições das mulheres jornalistas negras na cobertura esportiva, com foco específico nos programas regionais Globo Esporte São Paulo e Pernambuco. Através da análise de seis edições, divididas igualmente entre os dois programas, buscamos entender o papel dessas profissionais, destacar suas contribuições e identificar as barreiras que enfrentam em ambos os contextos regionais.

Inicialmente, a partir dos estudos sobre as fases da televisão no Brasil, observamos o aspecto histórico da TV, fundamental para entender o contexto em que essas profissionais atuam. A televisão brasileira passou por várias transformações desde sua introdução em 1950, que foram marcadas por avanços tecnológicos e mudanças sociais. Com a expansão da mídia televisiva, surgiram novas oportunidades e também novos desafios para as minorias, incluindo as mulheres negras.

À medida que a televisão evoluiu, especialmente com a democratização da informação e o aumento da pressão por uma representação mais justa e equitativa, as barreiras começaram a ser desafiadas, embora de forma lenta e gradual. A análise das fases da televisão no Brasil permite ver o terreno árido sobre o qual essas mulheres têm que trilhar seu caminho profissional.

Em seguida, dando continuidade ao estudo, buscamos entender a relação entre o jornalismo esportivo e a presença de jornalistas negras, explorando as barreiras e avanços nessa área. Identificamos que, apesar do desenvolvimento e da consolidação do jornalismo esportivo no Brasil desde o século XIX, a inclusão e representatividade de mulheres negras nesse campo ainda são limitadas.

A história do jornalismo esportivo brasileiro mostra uma evolução significativa, com a migração das coberturas de eventos esportivos do impresso para o rádio nos anos 1930 e para a televisão nos anos 1950. Os anos 1990 marcaram a entrada dos canais por assinatura, aumentando a especialização e as receitas do setor. Contudo, essa evolução tecnológica e de mercado não foi acompanhada por uma evolução equivalente na diversidade das redações esportivas.

Com esse estudo, foi possível verificar a presença de pioneiras como Vera Daisy Barcellos, que iniciou sua carreira nos anos 1980 e enfrentou desafios significativos decorrentes do racismo e machismo estrutural. A trajetória de Vera Daisy ilustra as dificuldades enfrentadas

por mulheres negras no jornalismo esportivo, que vão desde a falta de oportunidades até a resistência em aceitar suas presenças e vozes em um ambiente predominantemente masculino e branco.

Feito esse panorama histórico sob a luz de teóricos que tratam do tema, adentramos na análise do programa Globo Esporte, desde suas origens até os dias contemporâneos. Nesta investigação, exploramos o surgimento e a evolução do programa, desde sua estreia em 1978 até as transformações ao longo das décadas seguintes. Observamos como o Globo Esporte ampliou sua abordagem esportiva, passando a cobrir uma variedade de modalidades além do futebol, e como sua estrutura e estilo de apresentação foram se adaptando às mudanças no cenário esportivo e midiático.

Durante a coleta de dados e análises realizadas, foi possível observar as edições do Globo Esporte em São Paulo e Pernambuco, com o objetivo de examinar a participação e as contribuições das mulheres jornalistas negras no programa. Foi possível verificar uma marcante desigualdade na representatividade de gênero e raça, com uma presença significativamente menor de mulheres negras em comparação aos homens e mulheres brancas nas edições analisadas.

Em São Paulo, a presença de Amanda Barbosa como a única mulher jornalista negra nas edições observadas destaca a falta de representatividade e inclusão efetiva no programa. Apesar de sua participação, o tempo de exposição de Amanda foi substancialmente menor do que o dos repórteres homens, evidenciando uma disparidade significativa na participação e visibilidade das mulheres negras no jornalismo esportivo.

Em Pernambuco, embora tenhamos observado uma presença significativa de mulheres no programa, a ausência de mulheres jornalistas negras é notável. Mesmo quando há uma aparente inclusão de mulheres, a representatividade das mulheres negras no jornalismo esportivo continua sendo extremamente limitada, refletindo barreiras estruturais profundas que precisam ser superadas para alcançar uma verdadeira diversidade e inclusão no campo.

Além das questões estruturais dos meios de comunicação, que evidenciam as dificuldades das mulheres negras para se inserirem no campo esportivo, é importante abordar as implicações dessas barreiras para a qualidade da cobertura jornalística e para a audiência. As instituições de mídia, ao ajudarem a manter o status quo social, indicam que as dificuldades enfrentadas pelas mulheres negras são, em grande parte, resultado dessas estruturas. Dessa forma, a questão estrutural é uma peça chave para entender a baixa presença de mulheres negras nesse meio.

O estudo também revela que a questão estrutural pode ser mascarada pela presença de uma mulher negra em posição de destaque, criando a falsa impressão de inclusão e mudança. Essa presença singular, muitas vezes vista como sinônimo de progresso, não representa uma mudança superficial. Portanto, a representatividade de mulheres em cargos de repórteres e apresentadoras é importante, mas o jornalismo esportivo ainda apresenta vestígios de barreiras estruturais profundas que limitam a inclusão efetiva de mulheres negras.

Apesar do discurso de igualdade e de avanços, as análises de cada dia dos programas nos mostraram que a falta de diversidade nas redações não só prejudica as profissionais afetadas, mas também limita a perspectiva e a abrangência das reportagens esportivas. Com uma equipe homogênea, os meios de comunicação correm o risco de perpetuar estereótipos e de não refletir a diversidade da sociedade que consome esses conteúdos.

A análise comparativa entre os programas regionais Globo Esporte São Paulo e Pernambuco reforça essa necessidade. É essencial considerar que a falta de mulheres negras nas redações impacta não apenas as próprias profissionais, mas também a qualidade e a variedade da cobertura jornalística. A presença de Amanda Barbosa em São Paulo, embora significativa, revela uma participação ainda limitada em termos de visibilidade e tempo de exposição. Em Pernambuco, a ausência de mulheres negras destaca as barreiras estruturais ainda mais evidentes.

Essas questões apontam para a necessidade de uma reflexão sobre as práticas e políticas dentro das instituições de mídia. O compromisso com a inclusão e a equidade deve ser refletido nas ações concretas e sustentáveis para que as mulheres negras possam ingressar e prosperar no jornalismo esportivo. Nesse contexto, realizar este estudo foi uma jornada desafiadora, mas extremamente enriquecedora.

Como jornalista negra em formação e apaixonada pelo jornalismo esportivo, mergulhar nesse tema me permitiu compreender de forma mais profunda as barreiras enfrentadas por mulheres negras neste campo. A ausência de diversidade não é apenas um problema de representatividade, mas também de qualidade informativa, uma vez que a pluralidade de vozes enriquece a cobertura e promove uma visão mais ampla e justa dos fatos.

Enfrentei dificuldades ao longo do caminho, desde a coleta de dados até a análise crítica das estruturas existentes. No entanto, essas barreiras só reforçaram a importância de continuar investigando e debatendo essa questão. Foi inspirador ver o impacto que uma maior inclusão poderia ter na qualidade do jornalismo esportivo e na representatividade das mulheres negras.

Acredito que este trabalho é apenas o primeiro passo para que mais estudos possam ser realizados, aprofundando a discussão e buscando soluções práticas para a inclusão efetiva. Minha paixão pelo jornalismo esportivo me motiva a lutar por um cenário onde todas as pessoas, independentemente de sua cor ou gênero, tenham a oportunidade de brilhar e contribuir com suas perspectivas únicas.

A mudança não ocorrerá da noite para o dia, mas cada passo dado em direção à equidade no jornalismo é vital. Espero que este estudo inspire outros estudantes e profissionais a continuar essa luta, contribuindo para um cenário onde a diversidade seja a norma e não a exceção. Que possamos, juntos, construir um futuro mais inclusivo e representativo para o jornalismo esportivo brasileiro.

REFERÊNCIAS

- COELHO, Paulo Vinicius. **Jornalismo Esportivo**. 4 Ed. São Paulo: Contexto, 2011.
- COLLINS, Patricia Hill e BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. 1.ed. São Paulo: Boitempo, 2020.
- BIROLI, Flávia. **Divisão Sexual do Trabalho e Democracia**. Dados: SciELO, [S.L.], v. 59, n.3,p.719-754,set. 2016. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/00115258201690>.
- BRITTOS, Valério Cruz; SIMÕES, Denis Gerson (Org.). **A reconfiguração do mercado de televisão pré-digitalização**. In RIBEIRO, Ana Paula Goulart; ROXO, Marcos; SACRAMENTO, Igor. (Org.). **Historia da televisão no Brasil: Do início aos dias de hoje**. São Paulo: Contexto, 2010. Cap 10. p. 219-237.
- FECHINE, Yvana; FIGUEIRÔA, Alexandre (Org.). Cinema e televisão no contexto da transmediação. In: RIBEIRO, Ana Paula Goulart; ROXO, Marcos; SACRAMENTO, Igor (Org.). **História da televisão no Brasil: Do início aos dias de hoje**: São Paulo Contexto, 2010. Cap 13. p. 281-311.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo, SP: Atlas, 2002. 4.ed.
- GONZALEZ, Lélia. In: LIMA, Márcia e Rios, Flávia (Org.). **Por um Feminismo afro-latinoamericano: ensaios, intervenções e diálogos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.
- MARCONDES FILHO, Ciro. **Televisão**. São Paulo: Scipione, 1994.
- MATTOS, Sérgio. **Um perfil da TV Brasileira: 40 anos de história: 1950-1990**. Salvador: A Tarde. 7990.
- MATTOS, Sérgio. **A evolução histórica da televisão brasileira**. In COUTINHO, Iluska; PORCELLO, Flavio; IZEU, Altredo: **60 anos de Telejornalismo no Brasil: História, análise e crítica**. Florianópolis: insular, 2010.
- MIRA, Maria Celeste (Org.): O moderno e o popular na TV de Silvio Santos. In RIBEIRO, Ana Paula Goulart; ROXO, Marcos; SACRAMENTO, Igor. (Org.). **História da televisão no Brasil: Do inicio aos dias de hoje**. São Paulo: Contexto, 2010. Cap 7, p. 159-175.
- PERUZZO, Cecília e MOURA, Tatiana. **RACISMO NA MÍDIA BRASILEIRA**. In: Seminário de Comunicação e Territorialidades, VII, 2021, virtual. p. 1 - 8.
- PRATA, Nair e SANTOS, Maria Cláudia. **Enciclopédia do Rádio Esportivo Mineiro**. Florianópolis: Insular, 2014.
- RADI, B. (2019). **¿ Qué es el tokenismo cissexista?**. Anfibia.
- RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.
- RIBEIRO, Ana Paula Goulart, SACRAMENTO, Igor (Org.). **A renovação estética da TV**. In: RIBEIRO, Ana Paula Goulart; ROXO, Marcos; SACRAMENTO, Igor. (Org.). **História**

da televisão no Brasil: o início aos dias de hoje. São Paulo: Contexto, 2010. Cap 5, p. 109-135.

ROXO, Marco (Ora.. A volta do "amalismo cão" na TV. In RIBEIRO, Ana PaulaGovert. ROXO, Marcos: SACRAMENTO, Igor. (Org.). **História da televisão no Brasil:** Do início aos dias de hoje. São Paulo: Contexto, 2010. Cap 8. p. 177-195.

SANTOS, Amanda Cardoso dos. **Jornalistas negras e racismo no jornalismo televisivo.** 2021. 54 f. Curso de Jornalismo, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

SANTOS, Tiago Vinícius André dos; DIAS, Valéria. **Representatividade negra: qual é a cor dos donos das concessões de rádio e tv no brasil?**. 2020. Disponível em: <https://jornal.usp.br/ciencias/representatividade-negra-qual-e-a-cor-dos-donos-das-concessoes-de-radio-e-tv-no-brasil/>. Acesso em: 20 mai. 2024.

SOUZA, Erica, et. al. **A Beleza é Mesmo Tão Fugaz? Padrões e Estética de Jornalistas de Emissoras de TV's Tradicionais e da Internet.** In: Encontro da ANPAD - EnANPAD, XLVI, 2022, versão online. Anais [...]. 23 de set de 2022.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade.** Petrópolis: vozes, 1998.

VENTURA, Magda Maria. **O estudo de caso como modalidade de pesquisa.** Revista da Sociedade de Cardiologia do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, v. 20, n. 5, 2007. P. 383-386.

VILCHES, Lorenzo. **A migração digital.** Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2003.

WOLF, Naomi. **O Mito da Beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres.** Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

APÊNDICES

Apêndice 1 – Quadro das edições analisadas do Globo Esporte São Paulo

Data	Apresentador	Gênero do Apresentador	Apresentador Negro (Sim/Não)	Repórter	Gênero do Repórter	Repórter Negro (Sim/Não)	Tema	Tempo de Aparição (min)
15/04/2024	Felipe Andreoli	Homem	Não	Vinícius Bueno	Homem	Não	Com gols de Riós, Palmeiras começa busca pelo tri com vitória	3'15"
15/04/2024	Felipe Andreoli	Homem	Não	Plácido Mercí	Homem	Não	Futebol : São Paulo Perde na estréia contra Fortaleza	4'12"
15/04/2024	Felipe Andreoli	Homem	Não	Felipe Andreoli	Homem	Não	Primeira rodada do brasileiro	3'27"
15/04/2024	Felipe Andreoli	Homem	Não	Murilo Tauro	Homem	Não	Santos estreia na série B contra o Paysandú	59"
15/04/2024	Felipe Andreoli	Homem	Não	Felipe Andreoli	Homem	Não	Surf: Quatro brasileiros avançam na etapa	40"

							de marrgar et river (AUS)	
15/04/2024	Felipe Andreoli	Homem	Não	Victor La Regina	Home m	Não	Corinthi ans empata com atlético - MG na primeira rodada do brasileir ão	4'30"
16/04/2024	Felipe Andreoli	Homem	Não	Amanda barbosa	Mulhe r	Sim	Plameir as dá chapéu na Juventu / ITA e contrata felipe anderso n	1'04"
16/04/2024	Felipe Andreoli	Homem	Não	Victor La Regina	Home m	Não	O meia felipe Anderso n deve se apresen tar em julho no Palmeir as	2'42"
16/04/2024	Felipe Andreoli	Homem	Não	Plácido Mercí	Home m	Não	Técnic o no São Paulo precisa vencer o Flamengo para aliviar a Pressão	2'37"
16/04/2024	Felipe Andreoli	Homem	Não	Pedro Rocha	Home m	Não	António Oliveira bateu récorde de	2'29"

							cartões no ano passado	
16/04/2024	Felipe Andreoli	Homem	Não	Murilo Tauro	Homem	Não	Kleitton Lima pede para sair do comando das sereias da vila	2'08"
16/04/2024	Felipe Andreoli	Homem	Não	Guilherme roseguini	Homem	Não	Linha de chegada : A vitória que entrou na história das olimpíadas	7'03"
19/04/2024	Felipe Andreoli	Homem	Não	Leo Lepri	Homem	Não	Zubeldía tem passagens por clubes grandes em 16 anos de carreira	50"
19/04/2024	Felipe Andreoli	Homem	Não	Vinícius Bueno	Homem	Não	Com crias da academia, Palmeiras inaugura instalações da base	4'45"
19/04/2024	Felipe Andreoli	Homem	Não	Pedro Rocha	Homem	Não	Maycon tem lesão grave no joelho e não joga	1'11"

							mais em 2024	
19/04/2024	Felipe Andreoli	Homem	Não	Murilo Tauro	Homem	Não	Santos estreia na série B, amanhã, contra o Paysandu	1'03"
19/04/2024	Felipe Andreoli	Homem	Não	Felipe Andreoli	Homem	Não	WSL: Samuel avança às quartas, medina e miguel são eliminados	36"
19/04/2024	Felipe Andreoli	Homem	Não	Felipe Andreoli	Homem	Não	Vovós do GE no centanário do Juventus da Mooca, BELLO!	7'

Apêndice 2 – Quadro das edições analisadas do Globo Esporte Pernambuco

Data	Apresentador	Gênero do Apresentador	Apresentador Negro (Sim/Não)	Repórter	Gênero do Repórter	Repórter Negro (Sim/Não)	Tema	Tempo de Aparição (min)
16/04/2024	Sabrina Rocha	Mulher	Não	Lílian Fonsêca	Mulher	Não	Alisson Cassiano fala sobre nascimento da Manuela e a rotina de pai	3'06"
16/04/2024	Sabrina Rocha	Mulher	Não	Sabrina Rocha	Mulher	Não	Chico Retorna de empréstimo e reforça Sport na série B	1'01"
16/04/2024	Sabrina Rocha	Mulher	Não	Sarah Porto	Mulher	Não	Timbu anuncia ex-zagueiro Betão como novo diretor técnico de futebol	1'32"
16/04/2024	Sabrina Rocha	Mulher	Não	Julia guimarães	Mulher	Não	Brasileirão na Globo: Flamengo X São Paulo amanhã às 21h30	2'41"
16/04/2024	Sabrina Rocha	Mulher	Não	Lílian Fonsêca	Mulher	Não	Arruda é a casa de time de futebol americano do Santa	2'47"

17/04/2024	Sabrina Rocha	Mulher	Não	Rômulo Alcoforado	Homem	Não	Pela vida de Thiaguinho : Campanha quer arrecadar R\$15 milhões para financiar tratamento	6'16"
17/04/2024	Sabrina Rocha	Mulher	Não	Diogo Marques	Homem	Sim	Sport conhece o adversário na terceira fase da copa do Brasil	1'56"
17/04/2024	Sabrina Rocha	Mulher	Não	Thiago Ribeiro	Homem	Não	Sport conta com Samuel Pires para avançar na Copa do Brasil sub-17	2'11"
17/04/2024	Sabrina Rocha	Mulher	Não	Lílian Fonsêca	Mulher	Não	Timbu quer acabar com o jejum de vitórias contra o São Bernardo	2'33"
17/04/2024	Sabrina Rocha	Mulher	Não	Guilherme Pereira	Homem	Não	Faltam 100 dias: Paris intensifica preparação para as olimpíadas	54"
17/04/2024	Sabrina Rocha	Mulher	Não	Diogo Marques	Homem	Sim	Torcida pernambucana vai apoiar Minas e Praia Clube na final da Superliga	3'11"

18/04/2024	Sabrina Rocha	Mulher	Não	Thiago Ribeiro	Home m	Não	Crossfiteira : Irmã Marluce viraliza na internet fazendo exercícios e mudando hábitos	4'39"
18/04/2024	Sabrina Rocha	Mulher	Não	Diogo Marques	Home m	Sim	A "cartilha" de Mazola Júnior para o Náutico conseguir o acesso	2'34"
18/04/2024	Sabrina Rocha	Mulher	Não	Thiago Ribeiro	Home m	Não	Sport pega Atlético/MG na terceira fase da Copa do Brasil	2'03"
18/04/2024	Sabrina Rocha	Mulher	Não	Juan Torres	Home m	Não	Sport sai atrás na semifinal da copa do Brasil sub-17	1'54"
18/04/2024	Sabrina Rocha	Mulher	Não	Lílian Fonsêca	Mulhe r	Não	Grandes eventos motivam jovens do Recife a praticar Vôlei	2'45"